BIBLIOTHECA D'INSTRUCÇÃO E RECREIO

A CHAVENA DE CHÁ

POR

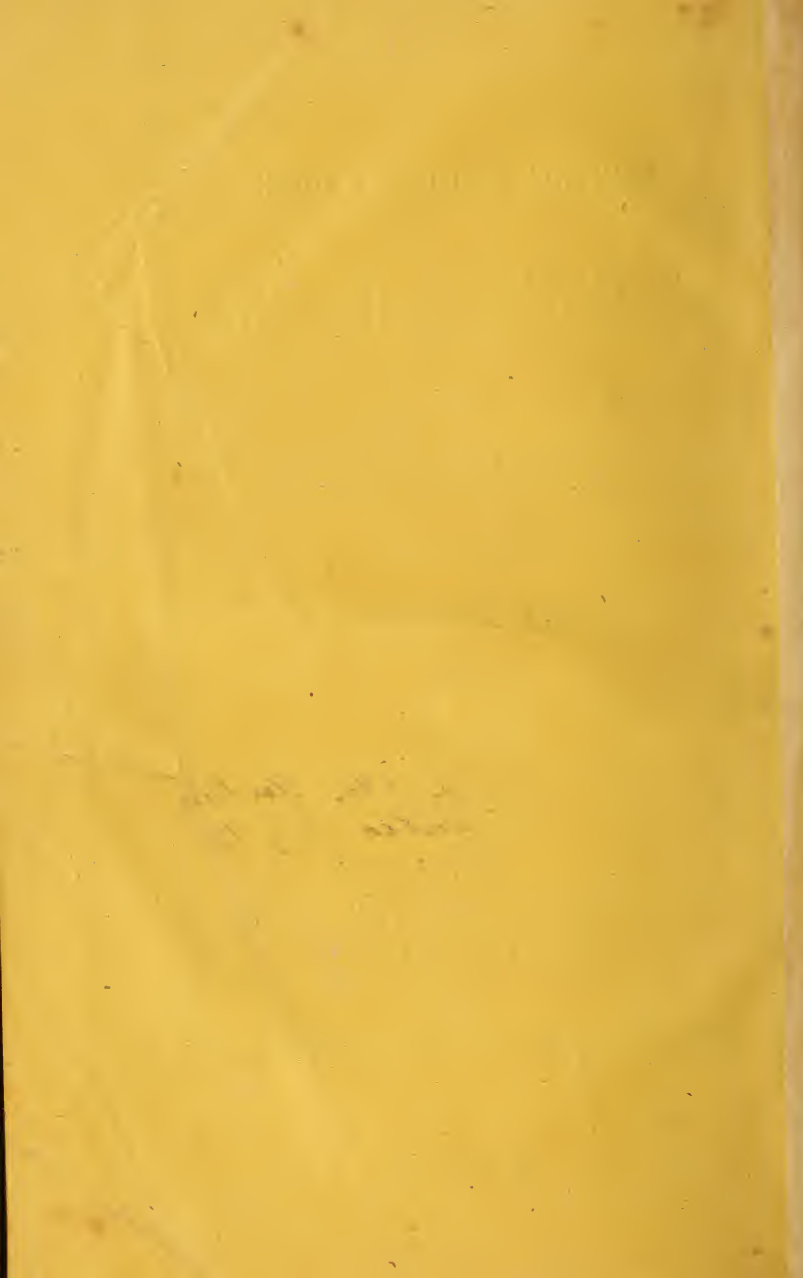
A. KAEMPFEN

TRADUCÇÃO DE LINO DE MACEDO

1871
LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6 Rua do Thesouro Velho 6

A CHAVENA DE CHÁ

A CHAVENA DE CHÁ

POR

A. KAEMPFEN

Traducção de Lino de Macedo

1871

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6 Rua do Thesouro Velho 6

A CHAVENA DE CHÁ

Miss Aurora aproximou-se de sir Edmundo Broomley e offereceu-lhe uma chavena de chá. Sir Edmundo estendêo a mão e tocou nos dedos de miss Aurora por tal fórma que, tremendo ligeiramente, deram origem a cahir a chavena quando a recebia, ficando no chão feita em bocados. O sr. Simson, que dormia sobre o *Times*, e a sr.ª Simson, que fazia o mesmo sobre a meia, levantaram n'aquelle instante a cabeça, e disseram simultaneamente:

—Mas que foi isto?

Edmundo ficou calado, com os olhos fitos no chão. Sacudia machinalmente a mão direita, em que tinha cahido o chá a ferver...

—Não ha duvida, Edmundo, que sois pouco cauteloso! disse Aurora com muita vivesa. A melhor meia duzia de chavenas, que veio da China, fica incompleta por vossa culpa. Juro-vos, Edmundo, que não serei vossa esposa emquanto me não trouxeres uma chavena igual á que acabaes de fazer em pedaços, mesmo que tenhaes de ir buscal-a a Pekim.

—Mas é, na verdade, muito longe, menina, disse a sr.ª Simson.

—É longe, accrescentou o sr. Simson.

Edmundo Broomley não fez alguma reflexão. Apanhou com socego os bocados da chavena, meteo-os no bolso,

fallou da insurreição da India com o sr. Simson, e, á hora do costume, levantou-se, cumprimentou sisudamente aos seus futuros sôgro e sogra, beijou com muita delicadesa a ponta dos dedos da menina Aurora, e sahio.

Ás oito da manhã do dia seguinte alugou um *cab* e percorreu, durante o dia, os armasens chinezes de Londres, tornando a casa só ás horas do jantar. E tendo comido com bom appetite, e quando acabou, escreveu a seguinte carta a Aurora:

«MISS AURORA:

«Não encontrei em Londres a chavena de chá *exactamente egual* á que tive a infelicidade de hontem quebrar. Marcho para Paris, donde, se minhas pesquizas não tiverem melhor resultado que em Londres, partirei para a China, conforme vossa vontade. Esperae-me dois annos, no fim dos quaes

não devereis mais pensar em mim, se não voltar.

Vosso fiel amigo e futuro esposo

Edmundo Broomley.»

Edmundo leu a carta, fechou-a com um sinete, que tinha a sua divisa — *Decisão.* Tocou logo a campainha e appareceu o creado.

— Roberto ! parto d'aqui a uma hora. Arranja o bahú e o saco da noite. Na caixa da barba porás seis navalhas em logar de duas. Talvez que tenha necessidade de ir á China.

E em seguida, dando a carta ao creado, disse-lhe :

— Ámanhã ás dez horas levarás esta carta ao seu destino.

— Está bom, senhor, respondeu o creado, que pegou na carta e sahio.

Edmundo abriu um album encadernado em pelle da Russia, e escreveu estas linhas:

«27 de dezembro de 1859.

Não encontrei a chavena. Parto esta tarde para o continente. E, se fôr preciso, irei até á China. Bem comprehenderá depois Aurora que andou mal e que se não devem pronunciar certas palavras. Talvez, quando voltar, já esteja casada com algum fatuo com bastante sangue frio para não fazer caso d'ella, nem até de quebrar as chavenas. Se assim fôr, terei a prova de que me não amava verdadeiramente, e n'este caso bem terei feito em marchar para a China.

Passados tres quartos de hora já sir Edmundo tomava o caminho de ferro de Douvres, doze horas mais tarde estava em Paris, e na noute do quinto

dia de viagem chegava a Marselha com os bocados da chavena de chá de miss Aurora e bem guardados n'uma caixa de páo rosa forrada de setim branco.

Em Paris, como em Londres, não encontrou o que desejava.

Havia então na cidade de Marselha um velho lôbo de mar, chamado capitão Lecoq, o qual possuia uma bonita embarcação, e que commerciava por sua conta indo a todos os cantos do mundo, aonde esperava comprar barato para vender caro.

E n'esta occasião projectava elle ir commerciar á China, onde a França e a Inglaterra tractavam de vingar afrontas. A guerra tinha lançado mão de todos os navios a vapôr, e o capitão Lecoq levou a bordo sir Edmundo, fazendo-lhe pagar a passagem como bom francez que se lembrava de Waterloo.

Ás oito horas da manhã do dia seguinte, dous de janeiro de 1860, o navio *Fantasia* levava a seu bordo para Shang-Hai o noivo de miss Aurora.

Sir Edmundo não tinha esquecido o seu formoso album encadernado em pelle da Russia. Emprestou-m'o, e se o consentis, minhas senhoras, lerêmos juntos o que escreveu durante sua memoravel viagem, procurando uma chavena de chá.

DIARIO DE SIR EDMUNDO

No mar, a bordo da Fantasia

Ha quinze dias que embarcámos na *Fantasia*. O tempo tem estado sempre bellissimo. A *Fantasia* é um bonito barco, bem construido, e com muita lim-

pesa. O capitão Lecoq tracta de tudo: os seus marinheiros obedecem-lhe como a um capitão de marinha de guerra. Julgo que é homem honrado, mas com os seus defeitos. Falla muito de Napoleão I, a que chama *petit Caporal.* [1] Faz a barba só duas vezes por semana, e tres copos de rom o deixam excessivamente alegre: os nossos marinheiros inglezes têem a cabeça muito mais forte. É pessimo o cosinheiro da *Fantasia.* Não vae a bordo outro passageiro. Lembro-me constantemente de miss Aurora.

De noute sônho em pagodes, torres de porcelâna, casas de todas as côres com tectos retorcidos, paisagens de

[1] Foi o nome que os soldados deram áquelle vulto politico depois da batalha de Lodi. Se fosse hoje, talvez que o capitão Lecoq menos se entretivesse com estas questões, depois dos successos lamentaveis da pobre França. *N. do T.*

azul celeste, janellas douradas e pontesinhas sobre pequenos regatos, em que nadam peixinhos de côres: jovens poetisas me recitam versos; fumistas de opio me perturbam o cerebro quando passo; grandes mandarins me fazem tregeitos e açoutam as ventas com as agudas pontas de seus bigodes; vendedores me offerecem pasteisinhos de carne de cão; no ar vejo chimeras, dragões, hippogryfos, monstros de toda a classe, horriveis e grotescos ao mesmo tempo, pintados com as côres mais vivas e disparatadas. Frequentemente vejo aparadores envernisados a laca, cheios de milhares de chavenas eguaes á que procuro: mas quero agarrar uma, e immediatamente lhe aparecem asas, com que vôa.

Sonhei uma noute que o imperador da China mandou procurar-me. Chegando á sua presença ajoelhei, e S.

M. tira do peito a bemfeitora chavena e m'a entrega; commovido por tanta bondade extendo a mão: o filho do céo abre a sua; a chavena cáe e quebra-se... como a outra... e, quando levanto os olhos, não é o imperador que está na minha frente, mas sim miss Aurora com o sobrôlho carregado e os olhos cheios de relampagos. Já deixámos as ilhas Baleares, Hespanha, e a ilha de Tenerife.

Quando passei na frente de Gibraltar senti que o meu coração batia deliciosamente; Gibraltar é Inglaterra. Nada se póde imaginar tão imponente como este penhasco, cortado a pique sobre o mar, e cercado de fortes peças de artilheria; penhasco inglez, artilheria ingleza; hurrá por João Bull!

Quiz que o capitão Lecoq examinasse este lindo ponto de vista, mas elle

permaneceu obstinadamente com o rosto virado para a costa d'Africa, dirigindo o oculo com affectação para a ponta de Ceuta.

A *Fantasia* fundeou tres dias em Tenerife: esta ilha é um paraiso terreal: as plantas e as arvores de todos os climas dão-se maravilhosamente junto da mais magestosa montanha do glôbo: as parreiras trepam pelas rochas, e nos vales crescem á porfia as larangeiras, palmeiras, murteiras, ciprestes, pereiras, figueiras, limoeiros, oliveiras, loureiros, castanheiros, faias e pinheiros. Desgraçadamente a ilha pertence aos hespanhoes. [1] Laguna, a antiga capital, é uma cida-

[1] É mania dos inglezes o dizerem mal de todas as outras nações, que já hoje, mesmo nas colonias, vão indo em via de progresso. Tudo isto é, e será sempre, proprio do inglez, que, por essencia, é de um orgulho desmedido. *N. do T.*

de bonita; n'ella bebi vinho de Vidueno e de Malvasia á saude de miss Aurora.

CAP-TOWN

Desde que sahi de Tenerife apenas vi o céo e mar. Confesso humildemente que começava a enfastiar-me bastante: pobre e mesquinha natureza humana a que tão promptamente fatiga a immensidade, que não póde supportar a sua vista durante quatro ou cinco dias!

Hontem desembarcámos no Cabo.

«Estou a mil legoas da Inglaterra e, sem duvida, estou na Inglaterra.»

E a cada instante repito esta phrase, e de cada vez com maior prazer e orgulho.

Aqui vêem-se os filhos da livre Albion passando com a cabeça levanta-

da, grave e dignamente, entre francezes, hollandezes, allemães, chineses de cabeça rapada, malaios cobertos com chapeus de palha ponteagudos, cafres com a fronte cingida por um anel de cobre, espantosos hotentotes, quasi nús, e com suas repugnantes companheiras que levam seus pequeninos negros n'um cesto. [1] Facilmente póde vêr-se que sómente estâmos aqui em nossas casas. Cap-Town é uma cidade ingleza, transportada junto de gigantesca montanha, sob um céo irradiante, na extremidade d'Africa, entre os dous Oceanos. Reconheço as casas de relusentes

[1] Entre nós, na Africa oriental, as negras trazem os filhos ás costas mettidos n'um panno, que atam á cintura e no pescoço. E lá vão fazer o seu serviço com aquelle pesado fardo. Nem sei como em climas calidos, onde é tão insufficiente a alimentação, chegam algumas a terem tanta robustez.

portas e puxadores de polimento, os passeios, os bicos de gaz, e o pavimento da minha querida patria. Passeios, gaz, pavimentos!

E a poucas legoas d'ali miseraveis casas de hotentotes no meio de incultas planicies, e ainda mais distante, leões, tigres, leopardos, hyenas, elephantes monstruosos, ferozes rhinocerontes, disformes hippopotamos, e toda a venenosa especie das serpentes; e ainda mais longe immensas regiões inexploradas, montanhas, rios, lagos sem numero, povos desconhecidos: novo mundo para descobrir!

Em Cap-Town existe um musêo magnifico; vi dissecados e bem conservados em espirito de vinho todos os insectos, que se encontram na colonia; mas o que mais despertou minha curiosidade foi um par de botas

com a seguinte inscripção: *Botas de postilhão francez.* [1]

A vida é alegre e encantadora: só certas extravagancias incommodam alguma cousa aos estrangeiros recem-chegados. Geralmente paga-se uma corôa pelo que em Inglaterra se paga um shelling. [2] Mas promptamente qualquer individuo se acostuma, e encontra muito natural que custe tres *pence* um ovo fresco.

Os soldados francezes descançam da viagem que fizeram, e preparam-se para aquella que hão de fazer dando

[1] Por aqui se vê mais a que ponto chega a excentricidade ingleza. Se fôsse algum objecto notavel, se fôsse alguma bota notavel entre todas as botas, não nos admirava que se fizesse curiosa menção.

[2] Se nas colonias inglezas isto admira, nas nossas portuguezas já é da tarifa, ha muitos annos! *N. do T.*

concertos, dançando e representando comedias. Os soldados inglezes os escutam e attendem.

NO MAR

O capitão Lecoq não gosta de residir por muito tempo n'um ponto, principalmente quando se ganha dinheiro. E até mesmo falla francamente a este respeito. Não me queixo, porque assim mais depressa chegarei á China, voltarei mais depressa á Inglaterra, se o céo permitte que eu volte, e mais depressa casarei com miss Aurora, se tenho de casar.

Fazem hoje trinta e nove dias que sahimos de Cap-Town, depois de quarenta e oito horas de navegação á vista de cabo conhecido.

O tempo é bom, mas estou muito enfastiado.

O capitão só faz a barba uma vez por semana, e falla mais do *petit Caporal*.

O cosinheiro não faz progressos na sua arte.

Na altura de Madagascar apanhámos n'uma vela um peixe voadôr; este é o unico acontecimento extraordinario que occorreo em nossa navegação desde o Cabo. Sinto amargamente ter quebrado a chavena de miss Aurora.

....

Estamos á vista de Singapoore.

SINGAPOORE

Magnifica enseada, magnifico porto, magnifica cidade!

Louvôres a sir Stamford Raffles! Sir Stamford Raffles não era nescio, era um bom inglez.

Quando em 1816 vio que tirávam á Inglaterra a ilha de Java, perguntou se nas cercanías haveria alguma pequena ilha, em que podesse hastear a bandeira de S. M. britanica. E, depois de olhar attentamente para algumas centenas de legoas em redor, marcou a pequena ilha de Singapoore.

É este o meu negocio, disse, e fez um contracto com o sultão de Johore, que estava contente por dar uma má noticia aos hollandezes, com os quaes se achava precisamente resentido n'aquelle momento.

E em Singapoore tudo tem caminhado maravilhosamente. Limparam-se os bosques dando logar a campos cultivados; abriu-se um porto e brotou uma cidade como por encanto. A cidade tem hoje 40 annos, e encontra-se florescente, ruidosa, animada, crescendo a sua prosperidade de dia para

dia. Dos seus 60:000 habitantes são 59:400 indios, armenios, judeos, arabes, javanezes, malaios e chinezes; todos vivem socegados sob as leis inglezas, que algumas centenas de seus filhos representam. *England for ever.*

A ilha de Singapoore seria um paraiso se n'ella abundassem menos os tigres. Quando chegámos, tinham acabado de devorar, em tres semanas, 50 chinezes de um cantão. Mas quem se abstém de sahir da cidade, não terá receio de ser devorado. [1]

— Aqui estou em magnificas relações com o velho alfaiate chinez, ba-

[1] Na nossa Africa oriental, principalmente em Sofala e cercanias, entra o tigre dentro das povoações e faz alguns estragos. No caminho de Inhacamba (povoação de mouros) para a villa encontram-se amiudadas vezes, e já têem feito algumas victimas. Durante a nossa demora n'aquella povoação vimos alguns que andavam entre os palmares. *N. do T.*

charel que passou da poesia á prosa, ao qual encomendei um lindo colete, que hei-de vestir no dia, em que entre em Pekim. Este honrado alfaiate, chama-se Tien-Hué, deu-me uma carta de recommendação para um seu primo, memorista em Shang-Hai. Aceiteia-a com tanto agradecimento como se fôra carta de introducção com respeito ao mais illustre mandarim do imperio. Tien-Hué tem idêas completamente primitivas sobre o podêr dos chineses. Alguns dias depois estava na sua loja quando passou pela rua um destacamento de soldados inglezes.

— Pobres homens! disse o velho alfaiate suspirando.

— Mas porque fallaes assim?

— Porque? Porque o solo do meu paiz mata-los-ha emquanto o pisarem, e não escapará pessoa alguma.

— Quer dizer, Tien-Hué, que não

crêdes que os francezes e os inglezes possam bater vossos compatriotas?

— Bater os barbaros aos chins — não o acredito, e menos o desejo, pois me compadeço desses casacos encarnados e desses casacos azues, que tão estupidamente se vão metter na boca do dragão. Porque declaraste guerra aos filhos do céo?

Porque os filhos do céo não cumpriram as promessas, que nos fizeram.

Tien-Hué olhou para mim fixamente, e com o maior assombro que hei visto em minha vida.

— Pois os filhos do céo estão obrigados a cumprir promessas que fazem aos barbaros? Pelo virtuoso Confu-tsée eis ahi uma idêa singular.

E para mais livremente poder rir-se, Tien-Hué atirou para o lado o colete, a que pregava os ultimos botões.

Julgo que em Singapoore ha hoteis

tão commodos e aceiados como em Paris e Londres, mas não posso assegural-o conscienciosamente. Os navios francezes, que estacionam no porto, mandam para terra tantos officiaes e empregados dos exercitos expedicionarios que, em vão, pedi asylo a todos os estalajadeiros europeus. Não temos nem quarto nem cama. Eis a resposta que em todas as partes me deram. Poderia ter-me alojado n'alguma casa de qualquer habitante do celeste imperio, mas fugi ao mau cheiro da hospitalidade chineza. [1]

[1] É verdade o que diz o auctor. Quasi todos os orientaes, seguindo suas religiões, fazem abluções constantes, tomando banhos, mas despresam no centro de suas casas, antes covis de féras, todas as regras de conforto e de aceio.

Em Moçambique e Gôa, com muita difficuldade e sem ter dó dos nervos do olfato, se póde entrar em casa de banianes, batiás, mouros, etc. *N. do T.*

A minha boa estrella fez todavia que encontrasse no caes a pequena casa da viuva de um droguista inglez. Esta boa senhora alugou-me um quarto muito aceiado, uma cama bastante pequena com o seu mosquiteiro já cheio de boracos mais do que os necessarios, e duas cadeiras, de bambú, uma d'ellas já côxa. E tudo isto não me custa mais de 4:500 réis, o que é na verdade muito em conta para Singapoore. [1] D'uma janella vejo a esplanada e o porto onde se reune, em volta dos navios inglezes e francezes, grande multidão de pangaios, casas fluctuantes habitadas por familias inteiras, esbeltos chebeks arabes e barcos cochinchinos pesados e

[1] Em a nossa India portugueza, Gôa e cercanias, já para viver decentemente se fazem grandes despesas. E da India inglesa (Bombaim) não fallêmos. Ali são os preços exorbitantes em qualquer hospedaria. *N. do T.*

mal feitos. A outra janella deita para uma das estreitas e tortuosas ruas da cidade chineza; ali estão reunidas todas as fazendas; ali circulam todas as raças do universo; ali ha uma exposição de typos e de trajes que vale tanto como a de Sydenham-Palace. E que linguas! que gestos! que tregeitos! que gritos! A moderna Babel está em Singapoore. Tudo isto é muito curioso, e, confesso para minha confusão, desde que aqui estou mais me conformo por ter quebrado a chavena pertencente a miss Aurora.

Hontem fez favor de almoçar comigo o capitão Lecoq. Vendeu por bom preço parte de suas fazendas e está de excellente humôr. O seu terceiro copo de rom bebeu-o á saude da alliança anglo-franceza.

Esta manhã acabava de lêr o ultimo romance de Thackeray, que o livreiro

da moda pôz á venda ha poucos dias, e que faz aqui furôr, quando deram duas pancaditas na porta com suma discrição.

—Entrae.

Abriram a porta, e no limiar appareceu um formoso indio vestido com longa tunica branca e com braceletes de oiro nos pulsos e nos tornosêlos. E, depois de curvar-se profundamente, ficou immovel.

O seu aspecto era na verdade nobre, e na Europa tel-o-hiam por um principe. Oh! Tom, Will, Jack, John, Dick, Toby, creados de quarto e lacaios das casas mais aristocraticas de West-End, que triste figura farieis ao lado do nosso companheiro de Singapoore. E, Deus me perdôe, vossos amos, duques, marquezes e condes tambem soffreriam alguma coisa na comparação.

Fiz signal e approximou-se o indio

dando-me uma carta depois de curvar-se outra vez tão profundamente, que me causou dó. [1] A carta era escripta em inglez.

«O sr. Thomaz Harisson roga a sir Edmundo Broomley lhe faça a honra de jantar em sua casa, hoje pelas cinco horas. Espera favoravel resposta.»

Certo dia a dona da casa mostrou-me um homem, que passava na rua, baixo, enxugando o suor da testa, e que ia sob um grande chapéo de sol azul, e disse-me: olhe o sr. Thomaz Harisson, homem que tem mais navios no mar do que eu pratos na cantareira, e mais milhões do que eu de annos, e olhe que já não sou nova.

Parece-me, respondi-lhe, que o sr. Ha-

[1] É o signal de respeito quando, entre os chinezes, se vae procurar um europeu, principalmente collocado em certa posição na sociedade. N. do T.

risson não se ensoberbece com as suas riquesas; é o rosto mais franco, mais alegre e honrado que tenho visto na minha vida.

E como o sr. Harisson distava vinte cinco passos de nós, e eu fallei em voz alta, ouviu-me, e, sem duvida, devia á boa opinião, que d'elle formei, o inexperado convite, que me fazia.

Devia aceitar? Devia recusar? Duvidei ainda por momentos, e, quando peguei na penna para responder, não estava bem decidido. Todavia a originalidade do convite e a lembrança do alegre rosto, que ficou gravado em minha imaginação, attrahiram-me muito. Sem reflexão demasiada escrevi estas linhas, que entreguei ao indio, o qual permanecia diante de mim como estatua de bronze.

«Sir Edmundo Broomley agradece ao sr. Thomaz Harisson o convite que

lhe dirigiu, e aceita com o maior reconhecimento.»

A estatua curvou-se pela terceira vez quasi até ao chão, saiu retrocedendo com passo similhante ao das sombras, e desapareceo. Pensei todo o dia qual a rasão porque queria dar-me de jantar um homem, que me não conhecia. Ás cinco menos um quarto montei em palanquim. O meu vestuario era tão elegante quanto o permittia minha reduzida bagagem. Como a occasião era tão extraordinaria, julgei dever levar vestido o colete de Tin-Hué, e que destinava para deslumbrar os chinezes no dia da minha entrada em Pekim.

Ás cinco menos cinco minutos apresentei-me no salão do rico armador, e fui annunciado em linguagem correcta por creado inglez, a quem não me lembrei de dar meu nome, e que tam-

bem julgou superfluo perguntar-m'o. O sr. Harisson levantou-se apressadamente, e saúdou-me com vigoroso aperto de mãos á ingleza, que me encheu os olhos de lagrimas de enternecimento.

Seguidamente apresentou-me uma joven de dezeseis annos, que tambem se levantou á minha chegada.

—Minha filha Mary, disse-me.

Miss Mary é muito mais feia do que vós, miss Aurora, mas é tambem encantadôra: não tem a vossa rosada tez, nem vossos louros cabellos encanudados, nem vossos olhos azues tão meigos quando vos não quebram as chavenas de chá. Todavia ha em seu rosto de baça pallidez, em seu olhar terno e profundo, em sua pura fronte, cheia de cabellos mais negros que as azas do corvo, ha, sem duvida, em tudo isto, e ainda mais em seu sorriso,

o necessario para namorar ao que não vos tiver visto.

Agradeci ao sr. Harisson o convite, que tanto me surprehendeu, e, apenas nos sentámos, entrou no salão um joven de vinte e quatro a vinte e cinco annos, vestindo uniforme de guarda marinha francez.

Aproximae-vos, querido amigo, exclamou o sr. Harisson; já hoje tardavas.

Miss Mary apenas levantou os olhos, e cumprimentou com simples movimento de cabeça ao recemchegado.

—Sr. Leon Bernard, accrescentou o sr. Harisson voltando-se para mim e tomando ao joven alferes pela mão; eis o caçador de tigres de tal valor e serenidade de espirito, que envergonha todas as pessoas, que passam toda a vida em destruir essas malignas féras. Já o vi caçando, e tive logo por elle toda a estima.

O sr. Leon Bernard corou e, cousa extranha, miss Mary corou mais do que elle, ainda que o cumprimento lhe não era dirigido.

A comida foi servida n'uma casa de jantar como se não vêem em Londres, nem mesmo em Paris. As paredes estavam revestidas de marmore branco; n'uma jardineira immensa abriam nas plantas dos tropicos flores as mais admiraveis; nos quatro angulos da casa jôrros de agua caiam em recipientes de malachite com agradavel murmurio. Grandes janellas, cobertas com cortinas de seda, deixavam penetrar a escassa frescura da ligeira brisa da tarde.

Durante a comida tudo foi alegria. O sr. Harisson contou vinte anedoctas, muito divertidas, sendo elle o primeiro a tornal-as recommendaveis com gargalhadas sonoras e communicativas, cujo barulho decerto deixaria de bom hu-

mor, ainda ás pessoas mais austeras. Á sobremesa, depois de brindar pelo sr. Harisson, dirigi-lhe uma pergunta, que, ha bocado, tinha na ponta da lingua, e que consistia em saber o motivo d'aquelle convite, que tanto me surprehendia e honrava.

— Conhecereis o proverbio francez — respondeu-me o sr. Harisson — «Os amigos de nossos amigos são nossos amigos tambem — Permitti-me, querido hospede, que não diga mais.

Não podia insistir, e tive de desistir da chave do enigma, que, por certo, não encontrarei.

Depois de jantar o sr. Leon Bernard convidou o sr. Harisson e miss Mary para passarem a noite a bordo do navio, a que pertencia. Os soldados e os marinheiros representavam uma comedia. O sr. Harisson aceitou por si e por sua filha, e, tendo sido

convidado tambem pelo joven alferes, descêmos todos para o caes. Passados dez minutos chegavamos n'um bote ao theatro, que se balanceava sobre os ferros ao impulso das ondas. O scenario, adornado com grinaldas e galhardetes inglezes e francezes, estava na pôpa. A representação tinha começado; representavam um vaudeville.

Comprehendo bem o idioma francez, leio quasi constantemente o Corneille, Racine e Moliere, mas nunca pude comprehender o vaudeville francez contemporaneo. É necessario que o idioma do vaudeville seja completamente distincto ao dos auctores, que chamam classicos em França.

Se me não divertiam os chistes, que os espectadores applaudiam com risos e bravos, as actitudes completamente originaes e os excentricos costumes dos comicos divertiram-me prodigiosamente.

O bom sr. Harisson applaudia e movia-se em sua cadeira com satisfação impossivel de descrever: este senhor não é seguramente fleugmatico inglez, como dizem nossos visinhos.

Miss Mary divertia-se tambem muito, mas não sei a rasão porque o senhor alferes olhava muito mais para miss Mary do que para a scena. De vez em quando inclinava-se para ella dando-lhe, por minha fé, em muito bom inglez, uma explicação, que a joven escutava attentamente.

Depois da representação dançaram os actores, e o primeiro galan, colossal marinheiro, andou por tal fórma, que enthusiasmou o publico, e chegaram a delirio os transportes do sr. Harisson.

Terminado o baile e emquanto tomavamos os gelados, que, com toda a galanteria, nos tinha mandado servir o

capitão da *Superbe*, veio cumprimentar ao sr. Harisson e miss Mary um chinez ainda joven, de bom aspecto, e magnificamente vestido.

—Ah! sois vós, amigo Lo-Han, exclamou com sua jovial accentuação o negociante. Que todas as flores da prosperidade do corpo e da alma perfumem vossa vida. E como passa o joven sr. Quatro?

Creio que irá melhor.

—Excellente; porém minha filha Chum soffre agora muito. A semana passada fez seis annos, e poseram-selhe as ligaduras para tornar-lhe os pés pequenos.[1] Sua vivacidade impede que

[1] Como sabem os leitores, o chinez é conhecido logo, entre outros distinctivos, pela pequenez do pé. Quem se não tentará em comprar as pequenas chinelas pertencentes a estes povos orientaes, tão bem acabadas, e indicando a mania extravagante d'aquella

permaneça em repouso; quer levantar-se e correr pela casa, e experimenta crueis dôres. Já tem padecimento para cinco ou seis mezes. Ah! a moda, querido amigo, a moda!

— Quem é esse joven sr. Quatro, por cuja saude perguntaes? Disse eu ao sr. Harisson quando se afastou Lo-Han.

— Um filho de Lo-Han.

— Mas que quer dizer tal nome?

— Um mez depois do nascimento o menino chinez, vestido com as suas melhores roupas, e rapada pela primeira vez a cabeça á navalha, é apresentado aos parentes e amigos de familia, e o pae lhe confere o *ju-ming*, ou nome de leite, como aqui dizem.

gente? Pela minha parte não pude resistir á tentação de fazer esta compra, não em Cantão ou Pekim mas na Alexandria do Egypto, quando ali passei para Genova, a bordo do vapôr italiano da Companhia Rubatino. *N. do T.*

Este nome é o de uma flôr, de uma virtude, ou o numero que representa o posto, que o recemnascido occupa com respeito aos seus irmãos.

Lo-Han tem quatro filhos, e o menor chama-se Quatro. Já vêdes que nada ha tão simples.

Quando chega a edade de começar os estudos, receberá, com igual solemnidade, o *chu-ming*, ou nome da escola, que substituirá o *ju-ming*, ou se juntará a este.

Era meia noute quando voltámos para terra.

A lua brilhava n'um céo de incomparavel puresa, e apostaria cem guineos contra dez como a noute, em que Romêo fallou tão largo espaço e tão amorosamente com Juliêta, não era nem mais bella, nem mais serena.

O sr. Bernard e miss Mary estavam com toda a seriedade, e não pronun-

ciaram uma palavra até ao momento, em que se despediram, quasi em voz baixa, á porta do sr. Harisson.

Aquella despedida comoveu de modo extraordinario o meu coração. Repentinamente recordei-me de miss Aurora mais viva que nunca, e o seu querido nome brotou de meus labios.

NO MAR, A BORDO DA FANTASIA

Não tendo negocios em Singapoore julgou o capitão Lecoq mais prudente seguir viagem para Hong-Kong.

Na vespera da nossa partida o alferes Bernard fez-se ao mar com o seu navio. O sr. Harisson e eu o acompanhámos a bordo.

Ao apertar-lhe a mão, até incommodal-o, o digno armador disse-lhe com palavras de commoção: Até á vista.

— Até á vista repetiu o alferes.

E accrescentou com voz tremula:

— Os meus comprimentos a miss Mary.

O joven estava pallido em demasia, e tinha lagrimas nos olhos. É preciso que estime muito ao sr. Thomaz Harisson... quando não seja a miss Mary, que ficou doente em a noute que o alferes declarou ter de partir por ordem do capitão.

Desde Singapoore temos vento contrario. Fazem ámanhã tres semanas, que nos fizemos ao mar. São onze da manhã e vê-se um ponto negro no horisonte. O ponto augmenta, augmenta, é uma ilha, é Hong-Kong... outra cidade ingleza: *Rule Britannia.*

MACÁO

Apenas estive em Hong-Kong o tem-

po necessario para percorrer inutilmente as tendas de porcellana da cidade e tomar vinte libras sobre *Good-Chance*, construido por *Midsummer-nigth-dream*. O passeio de *Happy Valley* é precioso, e todas as manhãs se eguala a terra com o cilindro. Creio que a situação d'este magnifico campo de carreiras é unica no mundo; rodeam-n'o tres cemiterios: um catholico, outro protestante e outro zoroastico, onde se queimam cadaveres. [1] Tudo isto anima aos jokeys para sustentarem-se bem na cadeira.

O commercio está paralysado em Macáo; a prosperidade de Hong-Kong o tem extincto. Macáo não tem, por

[1] Em Moçambique, tambem na ponta da ilha, ha um cemiterio d'esta natureza onde os baniânes, batiás, gentios, são incinerados. Louvando o systema, a bem da saude publica, dispensámos sempre ver tão repugnante cerimonia. *N. do T.*

consequencia, algum attractivo para o capitão Lecoq. Mas eu não corro atraz do dinheiro e talvez alguma obscura e mal arranjada loja da antiga cidade portugueza [1] encerrará o thesouro, cuja posse me encheria da maior felicidade.

Deixo pois o capitão, que continúa com os seus negocios promettendo que estarei ámanhã de volta, e um brigue inglez me conduz a Macáo.

Seguindo nosso rumo crusamos com um vapôr, que leva a reboque um barco de piratas. Pobres piratas! como os perseguem! elles que n'outro tempo eram os reis do mar, que fa-

[1] A antiga e sempre orgulhosa cidade de Macáo está e tem estado muito mais florescente do que diz o auctor. É bom que os extrangeiros façam mais justiça quando fallam de nossas colonias, e muito mais d'esta excellente perola da China. *N. do T.*

ziam tremer aos filhos do céo! Já lá vae o seu bom tempo.

É verdadeiramente pittoresca a cidade de Macáo; apoiando-se em tres bairros, como para melhor trepar á aspera collina, em que descançam suas casas de asulados tijolos, seus templos búdhicos, suas igrejas e conventos catholicos, que são quasi antiguidades n'esta zelosa terra chineza. Um dia é pequeno para visitar o pagode das Rocas, pagode já em baixo, mas situado agradavelmente no porto interior; para meditar nas brutalidades da sorte com o genio na gruta onde Camões, o sublime epico, concluio suas *Lusiadas;* para ver a gente elegante, o bom tom, passeando na calçada da Praia Grande; e para comprar uma chavena de chá, que não se encontra. Mas o capitão Lecoq não dá mais licença e até é capaz de fazer-se de vella para

Cantão sem esperar-me. Amanhã de manhã cedo tornarei a Hong-Kong.

CANTÃO

Estou verdadeiramente na China, e a China não é paiz como qualquer outro. De Macáo a Cantão ha apenas de distancia 90 milhas. A navegação não é commoda no meio d'aquelle dedalo de pequenas ilhas, que parecem arremeçadas expressamente entre as duas ribeiras do Tigris para tirarem aos barbaros vontade de irem ver o que fazem, em sua casa, os filhos do céo.

Desgraçadamente para os chinezes estes barbaros não se intimidam facilmente.

O capitão Lecoq praguejou muito durante esta viagem tão curta, pois, apezar das manobras bem dirigidas, a

Fantasia tinha de passar em sitios perigosos. Dava porém excellentes ordens e o navio atravessava os baixios maravilhosamente. Passamos entre duas fileiras de fortificações que, na opinião dos mandarins, deviam, ha dous annos, deter aos diabos do occidente. Custa ver estas fortificações arruinadas, cheias de fendas e perdidas; o que d'ellas resta indica que, quando estavam completas, deveriam causar prodigiosa hilaridade entre os insolentes diabos do occidente.

As ilhas, que tanto têem exaltado a bilis do capitão Lecoq, são preciosas e estão cobertas de vegetação prodigiosa. As margens do rio são alegres e animadas; numerosos canaes penetram nos arrosáes. A cada momento apresenta-se um novo objecto, que regosija a vista.

Queria converter-me á religião dos

chinezes assistindo aos seus exercicios devotos n'um pagode rodeiado de sombras, e que reflectia, na agua, seus agudos tectos, e a cuja base estavam amarradas muitas embarcações. Mas o capitão Lecoq julga que o honrado commerciante não deve perder tempo em observar as superstições destes pagãos.

Chegámos ao Cantão atravessando uma cidade fluctuante, que não tem menos de 300:000 habitantes. Está formada pela poderosa reunião de juncos [1] amarrados entre si; e por jangadas, supportando verdadeiras casas, algumas com tecto de telhas e terraços. Ha outras de dois andares, como as casas de terra firme.

É preciso confessar que os chinezes têem talento. É magnifica invenção, para individuos de caracter inconstante,

[1] Especie de mebarcação, usada nas indias orientaes. *N. do T.*

a d'estas casas, que podem fazer-se á noite e desfazerem-se de manhã, obedecendo a todos os caprichos do dono.

Li, mas não me lembra em que tratado de geographia, que a China distava quatro ou cinco mil leguas de Inglaterra em linha recta. É possivel que não haja mais de quatro ou cinco mil leguas entre Londres e o Cantão?

Caminhei por tres ou quatro horas saltando por cima de cêstos, em que estremecem peixes vivos, tropeçando nas cosinhas ambulantes, onde se faz o fôgo, e onde assam carnes e fervem extranhas preparações; tropeçando n'uma canastra de aves. E até caminhei em ruas formadas por casas de bambú, pintadas de todas as côres. Dei esmola aos sacerdotes do deos Fó, os quaes mendigavam de casa em casa, e marcavam com signal especial a piedosa morada, onde os recebiam. Fui inju-

riado pelos leprosos quasi nús, que se aqueciam ao sol; [1] tive a indignidade de bater no cotovello de um barbeiro, que trabalhava ao ar livre, o que causou ao pobre padecente, a quem elle fazia a barba, um bom golpe; cahi de bruços n'um palanquim, em que ia uma linda senhora adornada de flôres, e muito bem vestida, que começou a gritar; admirei a gravidade dos meninos chinezes, que se abanam com tanta magestade como os mandarins; ao voltar uma rua estive quasi estrangulado pela guita de um papagaio, que um golpe de vento fez com que me desse uma volta ao pescoço. E se

[1] Em Jaffa são muito mais para temer os taes leprosos. Meu amigo dr. Ernesto Godard, francez, foi victima de sua imprudencia. Não é só a idéa do contagio o que incommoda; tambem causa soffrimento só a vista repugnante de taes individuos. *N. do T.*

*

não fôra outro furacão, que soprou em sentido contrario, ali ficaria vosso noivo, miss Aurora. Ainda um rapaz vadio me deitou entre as pernas o seu peão; ouvi cantôres que trabalhavam até suar para cantarem desafinados, e que pareciam, em extasi, quando era completa a desharmonia. Vi finalmente passar junto de mim fumistas d'opio, palidos, somnolentos, com a vista espantada e a cabeça vacillante.

Penetrei n'um grande palacio deteriorado, que se parecia com um quartel velho; dois leões de granito, sentados no portico, e dois gigantes magnificamente vestidos, sustentando a barba com a mão esquerda, guardavam a entrada. Nem os leões, nem os gigantes me impediram que passasse. Disseram-me que este palacio é o do general tartaro.

O palacio da fazenda tem no exte-

rior alegre aspecto; o mesmo portico e as mesmas sombras. Não se póde receber dinheiro em sitio mais agradavel.

Ainda mais longe prenderam minha attenção largas alamedas de formosas arvores e elegantes porticos. Entrei n'um immenso pateo e vi sete mil nichos ou casinholas, cada um de quatro pés quadrados. N'estes nichos os estudantes e letrados redigem as composições submettidas á approvação dos examinadôres.

Emquanto estava n'este recinto, dedicado á litteratura, julguei que me subia á cabeça um perfume de tropos, periphrases e metaphoras.

E já cançado d'esta excursão sentei-me á mesa de uma hospedaria chineza. Comi em pratos [1] do tamanho dos

[1] São mais pertenciosos os chinezes do que os batiás e gentios, cujos pratos, ás horas do

de doce, ovos do anno passado, um guizado de carne de cão temperado com oleo de palma-christi e caracóes do mar. N'uma chavena do tamanho de um dedal bebi samshu fervendo e vinho de milho miudo. [1] Julgo que, pouco mais ou menos, foi esta a comida, que teve em Macáo o meu conterraneo Lourenço Oliphant. E, como elle, limpei os dedos com bocaditos de papel escuro.

Decididamente tem rasão o capitão Lecoq. A China é máo paiz.

jantar, são feitos com fôlhas de arvores, cosidas umas nas outras. Já é o cumulo da extravagancia e mesmo do pouco adiantamento?!

N. do T.

[1] Esta bebida a que chamam *pombe* na Africa oriental é o *lacrima christi* dos pretos, e d'ella fazem uso quotidiano, maximè no districto de Sofala. *N. do T.*

E como a China é terra de barulho, porca e cheira mal, decidi-me immediatamente a não ficar na cidade, voltando á noite para bordo do meu camarote da *Fantasia*, onde dormi.

O sr. Thomaz Harisson entregou-me, quando me despedi, uma carta de recommendação para um visinho do Cantão, que fez bonita fortuna no commercio de Singapoore, e que, modesto em suas aspirações, foi gozar para seu paiz o fructo de 20 annos de trabalho.

Chung-tso falla com muita correcção o inglez. E, como por esta circumstancia é um chinez necessario, não o esquecerei.

Esta manhã fui em palanquim a casa de Chung-tso, á rua do Norte. Vestia de etiqueta, e, antes de partir, ensaiei repetidas vezes o *tchin-tchin* ou a saudação chineza diante do espelho, jul-

gando que assim dava optima idêa de minha urbanidade ao homem, com quem desejava ter as melhores relações.

Chung-tso não estava em casa; deixei-lhe a carta do sr. Thomaz Harisson e um bilhete de visita, escrevendo n'elle a lapis que depois voltaria. E, com effeito, depois de jantar voltei a casa do amigo do sr. Thomaz Harisson.

Mandaram-me entrar n'uma habitação bem pequena, singelamente mobilada, e onde havia muitos livros arrumados em estantes. As paredes, de que pendiam tecidos de seda de vivas côres, adornadas com pinturas muito finas, ou cobertas com characteres, que exprimiam indubitavelmente as mais bellas maximas da philosophia chineza, fizeram-me pensar no gabinete de trabalho da menina Chan descripto no romance — *Duas jovens litteratas.*

Havia dois minutos que esperava

quando se levantou a cortina da frente, e um homem gordo, de rosto intelligente e alegre, vestido com simplicidade e limpesa, se apresentou no limiar da porta. Era o dono da casa.

Logo que o vi, fiquei admirado. Chung-tso parece-se muito com o sr. Harisson; os mesmos pequenos olhos; o mesmo olhar vivo e intelligente; a mesma boca com labios perfeitamente modelados, e de que parece brotarem apenas palavras graciosas e benevolas; egual gordura e a mesma edade: Chung-tso é um Thomaz Harisson chinez, e Thomaz Harisson é um Chung-tso inglez. Ninguem deixará de comprehender que estes dois homens experimentaram mutuamente instinctiva sympathia.

Apenas tinha tempo para dar um passo, e quando me preparava para executar, segundo todas as regras da cerimonia, o mais respeitoso *tchin-tchin*,

já Chung-tso estava ao meu lado apertando-me as mãos com verdadeira efusão, e dizendo-me em inglez, com accentuação chineza, que nada tinha de commovente:

—Que o amigo do meu amigo seja bem vindo a minha casa. O dia, em que o recebo, é para mim abençoado.

Um chinez não podia dizer menos, mas havia muita distancia entre este e os emphaticos cumprimentos, que esperava me incommodassem, e que não me convenceriam tanto do prazer causado pela minha visita.

A nossa conversação prolongou-se por duas horas. A cada instante queria despedir-me de Chung-tso, mas elle sempre me impedia.

Não ha duvida porém que Chung-tso não é um indio obstinado e endurecido; conhece perfeitamente que o celeste imperio não é o mais pode-

roso do mundo, e que a civilisação chineza de certo não é a mais adiantada das civilisações. Isto não impede que ame o seu paiz; quereria vêl-o prospero e respeitado, e faz sinceros votos para que as tropas imperiaes derrotem os inglezes e francezes, que por outro lado muito estima. Mas não tem illusões sobre este ponto, e pensa na maneira como os seus conterraneos hão de conseguir a derrota.

Desgraçadamente para a China não se pedirão conselhos a um pobre negociante, que não odeia muito os diabos azues e os diabos encarnados.

Um rico mandarim festejava com um drama a convalescença de sua filha que de certo por milagre escapara da enfermidade. Chung-tso, que fôra convidado com as pessoas mais notaveis da cidade, pediu-me para acompanhal-o. Acceitei sem difficuldade.

Servia de theatro o pateo de um antigo pagode. O scenario era uma plataforma de pedra. A concorrencia era numerosa. As pessoas do povo permaneciam de pé no centro do pateo, e os convidados distinctos estavam sentados nos oratorios que o rodeiavam, convertidos em platéa superior.

A representação começou ao meio dia. Os actores, que se ajustaram para a funcção, representaram a comedia intitulada *Rhan-Tsien-non*, que quer dizer: O escravo de suas riquezas, ou antes — *O Avarento.*

Os papeis de mulheres eram desempenhados por mancebos. As chinezas, ainda que da infima classe, difficilmente se resolvem a apresentar-se no scenario.

Não havia vistas, e apenas um actor, quando começava qualquer acto, in-

formava o publico do local, onde se passava a scena. Os personagens fallavam e cantavam alternadamente. Repetia-se a mesma musica a cada instante: havia um canto para alegria, outro para tristeza e outro para o amôr.

Parece que cinco melodias bastam na China para expressar todas as situações theatraes imaginaveis. E ainda os francezes se queixam da pobresa musical de seus vaudevilles!

Com summa paciencia Chung-tso me indicava as principaes peripecias do drama, e traduzia-me os melhores bocados. O enredo era verdadeiramente engenhoso: era um drama classico e muito celebre.

Um bacharel ambicioso parte para Pekim com sua esposa e um filho, ainda menino. Espera fazer brilhante exame e obter bom emprego. Mas ante

de seguir viagem escondeu o seu ouro em logar occulto.

Um pobre diabo, que pedia aos deoses riquezas, promettendo-lhes em troca ser virtuoso e caritativo, descobre o thesouro, apodera-se d'elle, estabelece um montepio, funda uma casa de commercio, e pouco a pouco reune grande fortuna.

Quando porém é rico, torna-se avarento.

Mas apezar de tudo quer têr, como objecto de luxo, um filho adoptivo. Propôem-lhe o que é filho do bacharel, que voltou de Pekim sem alcançar emprego, e que ficou reduzido á miseria com a perda do seu dinheiro.

O avarento promette grossa somma, mas, assignado o contracto, nada quer dar. Origina-se então grande disputa, e por fim offerece uma onça de prata.

— Uma onça de prata! exclama a mãe. Por esse dinheiro nem terei um menino de barro.

Um menino de barro, disse o commerciante, não come nem conta nada.[1]

Mas intervindo um dos seus dependentes, que dá uma pequena quantia á mãe, fica com o menino.

Passam vinte annos.

O terceiro acto está cheio de scenas de avareza muito curiosas. Um dialogo entre o filho do bacharel e o velho commerciante enthusiasmou a multidão.

[1] Quem andou, como o traductor, pelo oriente é que bem avalia estas scenas tão bem descriptas pelo auctor. É, em geral, grande a miseria entre aquella gente.

Fazem caso de bagatellas, e encontra-se por lá muito avarento.

Tambem a sua religião a tanto leva a maioria d'aquelle povo. *N. do T.*

O pae

—Meu filho, sinto que está proxima a terminação de meus dias. Dizeme em que especie de caixão serei enterrado?

O filho

—Se tenho a infelicidade de perder meu pae, comprarei um caixão da mais formosa madeira de abeto, que poder encontrar.

O pae

—Não faças essa loucura; a madeira de abeto custa cara. Quando morrer, já não differenço a madeira de abeto da de salgueiro. Não ha por detraz da casa um caixão velho, em que o gado come? Será sufficiente para fazer-me o ataúde.

O filho

— E pensaes n'isso? Esse caixão é mais largo do que comprido, e o vosso corpo não caberá n'elle, porque sois muito alto.

O pae

Pois bem! se o caixão velho é pequeno, nada mais facil do que partir meu corpo. Pegas n'uma machadinha e divides-me em dois pedaços. Porás as duas ametades uma sobre outra, e facilmente entrarão. Tenho de recommendar-te uma cousa importante: não te sirvas da minha excellente machadinha para partir-me; pede emprestada a do visinho.

O filho

Mas se têmos uma em casa para que havemos de pedir a do visinho?

O pae

—Não sabes que tenho os ossos muito duros? se estragasses o fio á minha excellente machadinha, era preciso gastar algum dinheiro para afial-a.

O fim da peça é o reconhecimento do joven por seus paes.

Alguns actores desempenharam bem os seus papeis. O que representava de avarento teria, por certo, grande exito no theatro de Strand, e faria passar má noute a Matthews.

O mandarim, que dava a festa, tractou esplendidamente os convidados. Nos entre-actos eram servidos aos espectadores da platéa superior os mais complicados productos de pasteleria e confeitaria chinezas; bandejas cheias de chavenas de chá, pasteis e frutas, passavam continuamente entre as

fileiras da multidão, que enchia o pateo.

— Acabamos de ver um filho vendido por seu pae, disse eu, quando sahia, ao amavel chinez. São frequentes estas vendas?

— Muito frequentes, respondeu-me, e, como graças aos deoses, não ha muitos avarentos parecidos com o que acabamos de vêr, é de ordinario mais feliz o menino vendido do que seria no centro de sua familia. Os seus paes adoptivos tratam-o bem, e são-lhe tão affeiçoados como aos seus proprios filhos e filhás.

— Vender um filho, que na casa paterna viviria miseravelmente, ainda admitto. Mas tenho ouvido fallar de infelizes creaturas expostas nas margens dos rios ou abandonadas em torres de tijolo, nas quaes ha um boraco, por onde se arroja a criança

*

a morrer de fome ou de frio. Será isto certo? [1]

— É certo — respondeu-me Chung-tso, abaixando a cabeça. — A pobresa é má conselheira, mas esses crimes são mais raros do que se diz, e a mãe quasi nunca n'elles tem parte. É frequente tirarem-lhe o filho, e dizerem-lhe que morreu de enfermidade.

As victimas sacrificadas á morte são quasi sempre meninas. O sabio Kwei-Chung-fou escreveu largamente ácerca d'esta barbaridade. Comtudo os seus argumentos são ás vezes extravagantes ou innocentes. «Destruir as filhas, diz, é offender a harmonia estabelecida pelo céo. Quantas mais filhas destruis,

[1] Já, em tempo, escrevendo ácerca das excentricidades do celeste imperio fallámos muito dos infanticidios.

Vejam que taes são aquelles corações!!

N. do T

mais tereis, e nunca se vio que a morte das filhas tenha produzido o maior numero de filhos. Aonde estariamos, exclama, se nossas avós e nossas mães tivessem sido afogadas em sua infancia? O bom philosopho, desesperando de ganhar logo o pleito, aconselha aos paes, firmemente decididos apezar de suas observações a abandonar os filhos, que os depositem em covas antes do que os afoguem.

— Mas porque motivo? lhe perguntei.

— E não adivinhaes?

— Não; dizei-m'o.

— Pois bem! É porque se têem encontrado crianças amamentadas por tigres. Não pensaveis bem de nossos tigres, não é verdade?

— Sem duvida que não.

— Nem eu tão pouco creio em tal.

Esta manhã, tendo-me convidado para jantar no dia seguinte, Chung-tso acompanhava-me para despedir-se á porta de sua casa, e atravessávamos um salão mui elegante, que precede um gabinete, onde me recebera. E foi então que meus olhos se fixaram por casualidade n'um aparador envernisado a laca vermelha, que sustentava algumas porcelânas.

Fiquei distrahido ao pé d'aquelle movel, e repentinamente palpitou meu coração, quasi rompendo-me o peito. O sangue subiu-me ao rosto, dobraram-se meus joelhos... Tinha visto... Não era engano, uma illusão, um sonho? Não. Olhei mais de perto, e conheci que me não tinha equivocado, que não sonhava... Era a chavena que eu procurava por toda a parte. A senhora, que se abanava, vestida com uma tunica amarella de

largas mangas, com um grande pente na parte superior da cabeça, os tres chinsitos respirando o perfume de collossaes flores, e no pires as extravagantes ramagens, os extranhos insectos, os passaros impossiveis, finalmente a chavena exactamente egual áquella que despedacei; a chavena que era o unico obstaculo entre mim e miss Aurora.

Estava ali, diante de mim, mui proxima de mim, não tinha mais do que estender a mão para ter a felicidade. E na verdade, sem pensar em tal, estendi a mão para aquella bemfeitora chavena, pela qual daria um reino, se o tivera.

— Gostaes d'estas chavenas? perguntou-me Chung-tso.

— São preciosas, respondi com voz tremula. E, sem dizer mais palavra, sahi logo, cumprimentando a Chung-

tso tres ou quatro vezes do modo mais desengraçado.

A estas horas é provavel que Chung-tso esteja perguntando a si mesmo, se Thomaz Harisson lhe escreveu a favôr de um desgraçado, que fugio de alguma casa de loucos, e atacado da mania das porcelânas.

Porque não contei tudo a Chung-tso, o meu amor a miss Aurora, e o motivo da minha viagem á China? É um excellente homem, que me teria comprehendido, e me teria dado a chavena. Nada era mais simples. Sim, sem duvida. E tenho emmudecido... A surpresa... a alegria... Que pobres e fracas creaturas sômos! Mas amanhã...

Deitei-me nas almofadas do meu palanquim e summamente agitado. E como não dei ordem alguma, os portadôres julgavam que desejava passeiar

em cadeirinha, sem fim determinado. Fizeram-me atravessar muito devagar os logares, que mais lhes agradavam, e de que por tal motivo cuidavam que eu gostava. Mas eu nada via; estava absôrto em meu unico pensamento: a chavena de chá.

No fim de uma hora, notando que aquelles honrados moços continuavam a andar, pronunciei a palavra *stop*, que se comprehende em todos os povos, e os moços pararam. Paguei-lhes e sahi da cadeirinha: estavamos no porto.

Não posso explicar como me encontrei, passados alguns minutos, sentado na minha tanka e descendo o Tigris. Foi a perturbação do meu espirito, de certo, que me obrigou a passeiar em barco, depois de ter sahido do palanquim.

Passei em frente do templo de

Honan, em cujos alicerces bate o rio; fiz signal aos barqueiros para se aproximarem, e penetrei no sanctuario, onde não tinha desejo algum de entrar «A besta, dizia Xavier Maitre, é sempre a besta.» Na verdade, creio, que era a besta.

Declinava o dia; a obscuridade invadia o templo; os grandes idolos, terriveis ou extravagantes, deslisavam-se vagamente entre as sombras. Alguns devotos de Budha oravam prostrados de joelhos; nada perturbava o silencio.

Estive de pé tratando de entregar o meu espirito a emoções religiosas ou poeticas, que n'outras circumstancias teria experimentado seguramente. Mas a minha idéa fixa não m'o permittia, e mui promptamente, actuando em minha imaginação o extranho sitio, as crescentes sombras e o pro-

fundo silencio, pareceu-me que as lampadas pendentes da aboboda tomavam a forma de chavenas de chá; que as cabeças dos chinezes, que resavam, eram outras tantas chavenas de chá invertidas; e que as estatuas das collossaes divindades apertavam contra o peito enormes chavenas de chá.

Sahi precipitadamente do templo porque temia ficar doudo.

Ao subir o Tigris, que estava agitado, dizia: se Chung-tso estivesse n'este barco e se o vento o fizesse sossobrar, salvaria a Chung-tso, e, para demonstrar-me o seu agradecimento, dar-me-hia a chavena de chá.

O ar fresco do rio calmou alguma cousa meu espirito, e, quasi socegado, escrevo estas linhas. Amanhã fallarei... Não é minha divisa — *Decisão?* — Amanhã me pertencerá a chavena.

. . . .

Tres de julho de 1860 e má data na minha vida.

Esta tarde jantei em casa de Chung-tso, e a comida nada se parecia com a chineza; era excellente porque a fez ao gosto europeo, e comeu-se com garfos e facas. [1] Á sobremesa bebemos vinho de Champagne da viuva Cliquot, como apenas se bebe na Russia. Mas não é isto o terrivel; o terrivel é o seguinte: a suculenta comida e o excellente vinho deram-me sufficiente valôr para fallar ao meu hospede com o coração nas mãos, quando este se levanta dizendo-me:

—Vamos ver minhas chavenas de porcelâna.

Não podia conter a alegria.

Entramos no salão. Que momento!

[1] Como sabem nossos leitores, é certo que os orientaes comem com a mão, e isto ainda nos mais opiparos banquetes. *N. do T.*

A chavena estava no seu logar; e na minha consciencia jurava que me pertencia.

Passado um momento, durante o qual julgou Chung-tso que estava mudo á força de admiração, disse o respeitavel negociante:

— Que o meu amigo de Londres se digne acceitar um objecto sem valôr em si, mas que lhe fará recordar o seu amigo do Cantão, e que se digne escolher, entre estas pobres chavenas, aquella em que quizer beber o chá quando o separarem de mim os mares.

— Que! disse-lhe, quereis...

A voz extinguiu-se na garganta; conhecia que estava pallido...

— Quero, disse Chung-tso, que façais a honra ao vosso amigo escolhendo uma dessas chavenas de chá. Sómente ha uma que não deve sahir d'esta casa...

Um estremecimento percorreu meu corpo.

—É aquella, disse o velho muito commovido, aquella que minha filha Lei-li chegou aos seus labios, a filha do meu coração, a suprema felicidade da minha vida; minha Lei-li morta antes de ver florescer as suas quinze primaveras. Esta querida chavena...

Chung-tso estendeu lentamente a mão para o aparador.

Eu apoiei-me á parede.

—Esta reliquia da mais cara das filhas...

O suór corria pelo meu rosto.

—Esse thesouro mais precioso para mim do que todos os thesouros do mundo...

Em meus ouvidos sentia um zunido similhante ao da maré quando cresce.

— Esta recordação de inefavel tristesa e de infinita alegria eil-a aqui...

E Chung-tso indicava a chavena sem a qual não queria voltar a Inglaterra, sem a qual não podia ser feliz.

Parecia-me que a terra se sumia debaixo de meus pés, mas Chung-tso chorava, e nada percebeu do que se passava no meu intimo d'alma.

Apertei a mão do velho e fallámos de Lei-li até muito tarde.

A BORDO DA BARCA FANTASIA

Estâmos no verdadeiro mar amarello.

O mar amarello é amarello apesar de me affirmar o contrario um professor da Universidade de Oxford, e só dando a razão de que o mar negro não é negro, nem o mar vermelho é vermelho.

Ha tres dias que a *Fantasia* se fez de vela do Cantão. O capitão Lecoq renovou a sua carga e vae tentar fortuna a Shang-hai. O exito favoravel, que até esta data tiveram os seus negocios, deixaram-o de excellente humôr. Á noute, depois do terceiro copo de rom, cantou com a voz mais roucanha, que se tem ouvido na marinha mercante europêa, duas ou tres canções patrioticas de Beranger.

Desejava n'esta occasião que o capitão Lecoq não tivesse feito tão bons negocios.

A minha sahida do Cantão causou grande pezar ao velho Chung-tso, com quem passei algumas horas todas as noutes, desde o dia em que jantei com elle. Quando me despedi tinha aquelle homem por muito honrado, e elle chorava, não devendo esquecer a maneira como me apertou a mão. E

até não pude deixar de acceitar uma caixinha, que elle encheu de objectos chinezes os mais lindos, e taes como podera sonhal-os uma mulher desejosa de ornar o seu toucadôr. Mas, desgraçadamente, ficou no aparadôr de Chung-tso a chavena, diante da qual nada valem aos meus olhos todas as porcelânas da China e do Japão. Aquella chavena talvez não tenha egual em todo o imperio dos filhos do céo; aquella chavena por certo dava logar ao meu casamento com miss Aurora.

Ah! Lei-li! tão querida de vosso pae, não poderieis haver bebido chá por outra chavena?

....

Soffrêmos horriveis furacões, mas a *Fantasia* resistiu valentemente ao impeto do vento e das ondas. O capitão Lecoq está orgulhoso com o seu navio, e, quando a tempestade se achava no

seu auge, perguntava-me com ar de mofa:

—E que dizeis cavalheiro! Não vos parece que um navio inglez sahiria muito peior do meio d'esta tormenta, e que a *Fantasia* é uma embarcação muito melhor?

—Por certo, lhe respondi. A *Fantasia* é um valente navio.

E o digno capitão, para agradecer-me o elogio, começava a assobiar o hymno — *Guerra aos tyrannos!*

Dizem que o estreito Formoso está infectado de piratas chinezes; estes senhores não julgaram conveniente cortar-nos a passagem. Impede-os, sem duvida, o máo tempo.

....

Esta manhã passamos em frente de Ning-po. Não tinha o capitão resolvido offerecer aos habitantes o seu opio e fazendas. Não vi, portanto, nem os ar-

cos de triumpho de granito dedicados aos premiados nos concursos litterarios, nem as livrarias celebres em todo o imperio, nem a casa sagrada dedicada á deosa Mataupa, cuja porta é guardada por dragões e monstros; nem o pagode que tem mil annos de antiguidade, de cujo mais elevado ponto de vista se descobre um panorama maravilhoso. E provavelmente nunca saberei com segurança se as ruas de Ning-po são, na verdade, as mais formosas da China.

....

Eis-nos já em Yang-tse-kiang.

O pilôto acaba de subir a bordo; sem elle teriamos encalhado n'algum dos innumeros bancos de areia que difficultam a entrada n'este grande rio lodôso.

As margens do Yang-tse-kiang são pouco pittorescas, mas como as do

Hoang-ho offerecem espectaculo variado e de muitos attractivos, sobre tudo depois de uma navegação de quinze dias, durante a qual sómente vimos céo e mar.

No entretanto encontra-se uma enseada em torno da qual ha vastos armazens construidos sobre estacas, onde os barcos pequenos esperam as mercadorias, que hão-de levar a grandes distancias pelo mar, ou ao interior do paiz. Vê-se uma pobre aldeia formada por algumas cabanas toscamente construidas e toscamente pintadas, diante das quaes se enxuga algum miseravel farrapo, que acaba de lavar uma mulher; aqui uma quinta de algum commerciante; as paredes da casa brilham envernisadas de laca, e astelhas douradas; debuxos de alegres côres dornam as cortinas, e, na sacada aberta, está o dono da casa conversando com um amigo ácerca dos preços correntes da seda, do algodão e do

anil. Mais além vê-se uma granja meio occulta entre arvores fructiferas e gigantescas plantas trepadeiras. O lavrador, que cava ou poda, interrompe por momentos seu trabalho para ver-nos passar; e sua esposa, na penumbra da janella, segue-nos, por largo espaço, com os olhos. Eis aqui uma cidade; é Woo-sung, uma das grandes bocas, pelas quaes a China absorve o opio, esse doce veneno que proporciona a meus compatriotas tão pingues beneficios e leva os chinezes, por caminho tão agradavel, á decrepitude, ao embrutecimento e á morte, fim de todos os males.

Em Woo-sung entram por mez de 1:000 a 1:200 caixas de opio, e annualmente cresce a proporção. Tudo deixa crer que, dentro em meio seculo, não haverá chinez em todo o imperio, que não encontre prazer em envenenar-se para augmentar nossa felicidade.

Estâmos a doze milhas de Shang-hai, e nosso navio passa devagar entre barcos chinezes carregados de arroz, navios mercantes inglezes e americanos; barcos de mendigos viajantes, e grandes embarcações que desembocam pelos canáes, fertilisando os campos, que começam a tornar-se viçosos.

Depois de seguir durante uma hora os innumeros cotovelos do rio, vêmos por fim a grande cidade commercial, illuminada com os resplendôres do sol poente.

SHANG-HAI

No dia seguinte ao de minha chegada a Shang-hai fui ver o primo de Tien-Hué, o alfaiate de Singapoore, que me fez o lindo colete. Lao-Pé é o memorista mais da moda em Shang-hai.

Cinco ou seis pessoas esperavam á

porta a fim de serem por elle recebidas.

Sentado diante de uma mesa cheia de pires com tintas desfeitas, pinceis e papel de differentes côres, escutava a uma joven bem linda, que lhe explicava, segundo julgo, o têma de algum amavel bilhete, pedindo-lhe que adornasse sua paixão com todas as flôres da rhetorica amorosa.

Tinha tomado assento, e esperava havia dez minutos, quando um rapaz de quinze annos, que muito se parecia a um macaco, e que não tinha ar estupido, sahio da tenda. Mostrei-lhe minha carta de recommendação, e indiquei-lhe, por gestos, que era para o respeitavel Lao-Pé. Levou-a o menino, e, voltando á tenda, deu-a ao litterato.

Tendo-a lido trocou algumas palavras com o joven chinez, e, levantan-

do-se de sua cadeira de cana com tanta pressa, que esteve a ponto de virar a mesa, aproximou-se de mim prodigalisando-me os mais humildes *tchin tchin*, a que correspondi o melhor que pude.

Quando acabou, o menino, que estava ao seu lado, curvou-se até ao chão, e com voz de singular analogia com o ruido da matraca, disse em correcto inglez:

—Meu avô agradece ao céo que, apesar da sua indignidade, alegra o inverno da sua vida com a chegada de um hospede, que tanto excede os homens ordinarios, como o olmeiro á planta do arrôz. A vista de seu irmão maior lhe é mais agradavel que a da lua, e conforta-o mais que a do sol. E se o seu irmão maior quer atravessar o umbral de sua miseravel casa todas as flores de perfeita felicidade se abrirão no coração de Lao-Pé.

A isto respondi:

A recepção do veneravel Lao-Pé, illustre entre todos os litteratos, enche a minha alma da mais pura alegria; a vista do seu rosto tem mais encanto para meus olhos que a do céo ao romper da aurora; o som de suas palavras é mais agradavel, a meus ouvidos, que a chuva cahindo sobre o musgo depois de um dia de ardente estio; o desejo de entrar na sua casa hospitaleira consome-me, como a chamma consome a vela. Mas não quero incorrer no odio dos que esperam á sua porta, retardando o feliz momento, em que por si mesmos gozem dos talentos prodigiosos, com que os deoses dotaram ao meu irmão maior. Tornarei aqui esta tarde a visital-o, e quando elle possa perder algum tempo com seu irmão menor, sem grande prejuiso para os cidadãos.

Este cumprimento, pronunciado d'improviso, e traduzido pelo pequeno chinez com cara de mono, encantou ao honrado memorista. Os seus olhos brilharam de praser apesar dos exforços que fazia para parecer confuso. Durante um longo quarto de hora fez-me cumprimentos, e, tomando depois ar triste, fallou-me com accento quasi supplicante. Evidentemente manifestava o sentimento que lhe causava a minha determinação de não entrar em sua casa n'aquelle momento, e exforçava-se por demorar-me.

Mas com grande satisfação dos clientes de Lao-Pé, que começavam a olhar para mim com maus olhos, fiz um movimento de retirada, e comecei a desandar para a retaguarda, multiplicando o *tchin tchin*, os sorrisos e inclinações de cabeça. Sem duvida, como á medida que eu retrocedia, o chinez se julgava obrigado

a avançar por politica, não encontrei outro meio, para sahir, que o depôr ambas as mãos sobre os seus hombros e obrigal-o a parar. Lao-Pé decidiu-se a dar-me a liberdade, mas não quiz deixar-me partir sem ter addido á minha pessoa o joven Tsia, seu neto, na qualidade de interprete e de *cicerone*.

Aquelle rapaz quiz que eu visse não sei quantos palacios e pagodes, cujas magnificencias me apregoava. Mas eu tinha ido á China por outro motivo, e pedi a Tsia que me levasse aos armazens de porcellâna, os melhor sortidos da cidade.

O commerciante a cujo armazem me levou era homem gordo, de enorme ventre. Mostrei-lhe os bocados da chavena quebrada, que sempre trazia comigo, e Tsia explicou-lhe o que eu desejava. O commerciante respondeu que

não tinha nenhuma chavena egual, mas que, se houvesse alguma em Shang-hai, no dia seguinte e á mesma hora estaria no seu armazem.

Disse ao gordo negociante que se encontrasse o objecto dos meus desejos não regatearia sobre preço, e, para provar-lhe que podia contar com minha palavra, comprei-lhe um serviço de chá completo, que paguei, sem nada objectar, seis vezes mais caro do que valia, apesar das cotovelladas e significativos gestos de Tsia.

Shang-hai estava singularmente agitada e em alarme esta manhã.

Os correios trouxeram a noticia de recentes victorias conseguidas pelos rebeldes. E, segundo se dizia, seus piquetes não distavam de Shang-hai mais de doze ou quinze milhas.

Por tal motivo só viamos na rua assustados mandarins andando rapida-

mente, pallidos e tremulos; ricos negociantes emigrando com seus moveis suas fazendas e seus thesouros; individuos de consternado ou de suspeito aspecto, lendo e commentando as proclamações dos generaes tae-ping, que secretos partidarios dos rebeldes tinham pegado nas paredes durante a noite, e que incitavam os habitantes á sublevação.

Um destacamento muito numeroso, mas bem desordenado, precedia formoso palanquim, e nos embargou a passagem.

— Que é isto?

— É o governadôr militar, que vem de solicitar dos consules inglezes, francezes e americanos, o apoio dos extrangeiros contra os rebeldes, respondeu o menino, depois de ter consultado um barbeiro ambulante.

— Ha alguns mezes — accrescentou

Tsia — que esse pobre Tao-tai não tem muitos momentos de socego.

Outro destacamento, escoltando tambem um palanquim, crusou com o primeiro.

E quando os dois palanquins se juntaram, os portadores pararam, abriram-se ao mesmo tempo as cortinas, e sahiu, por cada portinhola, uma cabeça.

Os governadores militar e civil conversaram pouco tempo, e, em seguida, retirando as duas cabeças de suas respectivas portinholas, fecharam-se as cortinas, e os portadores continuaram a sua marcha.

Não tinha tido tempo para distinguir as feições d'estas duas grandes personagens, mas promptamente tive a satisfação de olhar com muito vagar para seu augusto rosto em casa do mais habil pintor de Shang-hai, a quem

o Tsia fez a honra de apresentar-me.

Os rôstos de suas excellencias, o governador militar e o governador civil, pareceram-me os de homens extraordinaria e desagradavelmente preocupados, e estive tentado para escrever debaixo de cada retrato: *Empregado esperando a aposentação.*

Entrámos no jardim de um mandarim, a quem Tsia serve de secretario.

Ah! os bonitos musgos! os lindos caminhos estreitos! as bonitas montanhas em miniatura! os preciosos arbustos recortados em fórma de leões, tigres e dragões! Ah! os lindos peixinhos vermelhos em redomas azues, cercadas de preciosos vasos cheios de flôres! Quão limpo, esfregado, envernisado e luzente está tudo!

O jardim do chá, aonde me levou em seguida meu joven guia, era por

certa fórma o Wauxhall de Shang-hai. Ali vão os chinezes admirar a agilidade dos saltimbancos, e recrear-se com os sons do you-tam, do ta-tong, do yung, e do sam-sou. [1] Mas os habitantes de Shang-hai não pensam hoje na musica, nem nos saltos perigosos, nem nas sortes de escamotagem; os saltimbancos e musicos, desesperando de pedir mais, julgaram conveniente reservar seus talentos para melhores tempos, e não vi no jardim do chá mais do que um homem pescando á cana sobre uma ponte, e um francez, que o photographava.

[1] São curiosos estes instrumentos, que, construidos contra todas as regras da acustica, dão sons musicaes desentoadissimos. O celebre teclado da Zambezia e o arco musical dos negros de Sofala têm muita similhança. Ha pouca propensão para a melodiosa arte entre os habitantes orientaes. *N. do T.*

O pescador da cana pareceu-me ser o symbolo vivo da indifferença philosophica.

O francez tinha rôsto franco e sympathico; aproximei-me e dei-lhe os bons dias.

— *Your servant, sir* — disse-me — cumprimentando-me tambem — *do you speak french.*

— Alguma coisa, respondi.

— Ah! muito bem! dae-me licença para que me annuncie. Chamo-me Legrand. Como todos os europeos, que habitam Shang-hai, sou negociante; em minhas horas de ocio toco cavaquinho, modelo estatuas, colleciono curiosidades e trabalho em photographia.

— E eu, disse-lhe, sou sir Edmundo Broomley, e viajo na China para diversão.

Era mentira o que lhe dizia. Mas como póde dizer-se a um homem, que

se vê pela primeira vez, que se percorrem seis mil leguas á busca de uma chavena de chá?

—Viestes para divertir-vos, disse o sr. Legrand, fizestes bem. A China é um paiz delicioso. Quero dotar o mundo com uma China estereoscopica, que caberá n'um pequeno bolso. Mas a minha empresa tem alguns perigos.

—Perigos?

—Sem duvida. Todos os filhos da terra das flores não se deixam retratar com tanta paciencia como esse honrado pescador de cana.

Os habitantes de Ning-po tomaram o cilindro do objectivo por uma peça de artilheria; julgaram que ia destrui-los, e apedrejaram-me. Mas tenho-me bem vingado d'elles na pessoa dos mandarins de Shang-hai.

Como? lhe perguntei.

—Um amigo mandou-me, para ven-

der na China, doze duzias de certos instrumentos, que vós, inglezes, não conheceis, que não existiam no tempo do senhor Argant de Moliere, e que o digno enfermo teria apreciado pelo seu justo valôr... Vamos não vos enchais de rubôr, querido cavalheiro, não será preciso mais...

— Oh! oh! exclamei vendo chegar aquelle carregamento, o meu amigo enganou-se. Isto não veio a proposito para o celeste imperio. Seria antes necessario convencer os chinezes da excellencia da medicação pelos emollientes, o que levava muito tempo; na primeira occasião mandarei estes inuteis objectos para França. E no entretanto fechei nos meus armarios 123 moveisitos d'esta classe. Faltou local para o 124, e ficou na casa do jantar.

— Na casa do jantar?

*

— Sim, não era muito conveniente, mas foi uma casualidade feliz.

Pouco tempo depois tive ao jantar tres mandarins; um botão branco, um botão azul e um botão vermelho.

Os illustres personagens festejaram copiosamente os vinhos de França, e á sobremesa estavam muito alegres.

Um d'elles vio n'um canto o objecto, que continuarei a não nomeiar.

— Que é isto? perguntou-me.

Subitamente uma idéa me illuminou.

— Isto? Ides vêl-o.

Levantei-me, agarrei no innominado, colloquei-o sobre a mesa e deitei n'elle uma garrafa de Champagne; em seguida apertei uma mola e o suave nectar sahio com força, cahindo espumoso nos copos, cujo vinho os meus convidados iam bebendo acompanhando tudo com vivas enthusiasticos.

Oito dias depois tinha vendido ás melhores casas da cidade os 124 objectos do meu amigo.

Para dar-lhes qualquer nome, inventou um litterato uma perifrase, que significa o maravilhoso templo do espumante licôr.

Vêde agora porque maneira os mandarins de Shang-hai me vingaram dos habitantes de Ning-po.

— O pescador de cana está photographado. Quereis vir descançar a minha casa por um momento?

— Com muito gosto, respondi-lhe.

O senhor Legrand fez as honras da casa com a maior cortesia e completo bom humor; mostrou-me a sua China para trazer no bolso, e, quando no fim de uma hora me separei d'elle, conhecia perfeitamente as curiosidades de Shang-hai e de seus arredores; tambem tinha contemplado, em todas suas mi-

nuciosidades, o famoso monumento elevado em Ning-po em honra da deosa Ma-Taupa, que tanto sentia não ter visto.

Dei ao meu espantado e intelligente cicerone um estereoscopo, que recebeu com indescriptiveis demonstrações de alegria e gesticulações de reconhecimento, que o tornaram ainda mais feio, cousa que julgava impossivel. Quando nos separámos, Tsia estava-me tão agradecido que se deitaria ao fogo por mim.

Chegou a noute e fui de grande etiqueta a casa de Lao-Pé.

O litterato recebeu-me com estima e respeito, e fallamos largamente, tomando chá, do futuro das bellas lettras na China. [1]

[1] Segundo lêmos n'um excellente artigo, publicado na *Correspondencia de Portugal*, em o nosso Macáo o estudo das bellas lettras vae

Esta manhã fui buscar Tsia a casa do avô. Encontrei-o pegando com muita destresa a canitas de bambú uma folha de papel, na qual tinha pintado uma especie de monstro com cabeça de homem, que abria uma boca enorme, e cujos grandes e redondos olhos lançavam espantadas vistas. O colorido não era menos feroz que o debuxo.

— Que fazeis? perguntei a Tsia.

— Um papagaio, respondeu-me.

— E que representa essa horrivel figura?

— A Han-sin.

progredindo a olhos vistos. Deus permitta que, em Gôa, de futuro sejam mais regulares os estudos mesmo d'instrucção primaria e secundaria.

Pois é verdade que, principalmente na escola medico cirurgica, vâmos na retaguarda do progresso da época; apesar de nossos bons desejos como professôr. *N. do T.*

— Han-sin? Quem é Han-sin?

Quando fiz esta pergunta, fiquei envergonhado da minha ignorancia.

— Não conheces Han-sin?

Tsia pronunciou estas palavras com surpresa e quasi com desdem.

— Não, confesso-o, balbuciei envergonhado.

— Han-sin foi um famoso general, que viveu ha dois mil annos, e que inventou o papagaio.

— Que? o papagaio é invenção de um general?

— Sim. Han-sin sitiava uma cidade rebelde. Tinha resolvido abrir um subterraneo e chegar por elle ao centro da cidade. Para conhecer a distancia, que havia entre este ponto e o seu acampamento, imaginou atar um fio a uma folha de papel pegada a canitas de bambú. E aproveitando vento favoravel, deixou correr o fio que jul-

gou necessario. Depois esperou. Quando calmou o vento, o ligeiro apparelho cahio precisamente no sitio, que desejava. Puchou-o para si, e, pelo comprimento do fio, avaliou o que devia ter o subterraneo. A cidade foi tomada, e estava inventado o papagaio.

— Con-fu-tzée escreveu: «Das meditações da edade madura nascem os brinquedos da infancia.» Foi o que eu disse sentenciosamente.

Não estava muito certo que Con-fu-tzée escrevesse tal cousa, mas elle fez em sua vida tantos apotegmas, que, extraordinario seria, não ter tambem feito este.

— Con-fu-tzée é o mais sabio dos homens que o céo deu á terra, disse o meu macaquito com uma seriedade, que me fez rir.

— Conheceis algumas de suas obras? perguntei-lhe.

— Depois de ter estudado o Seaon-yo e o livro dos deveres filiaes, como todos os filhos de paes instruidos, respondeu-me Tsia, ainda li os quatro livros classicos: um d'estes, o Lun, ya é o compendio dos pensamentos do grande Con-fu-tzée. Agora explica-me meu avô outro dos seus escriptos: a Primavera e o Outomno, que está no numero dos livros canonicos, e que não é menos interessante do que o Chi-kin e o Li-ki.

— Vejo, querido Tsia, disse áquelle menino sabio, que se amais a péla, o papagaio e o peão, não amais menos o estudo.

— Quero ser lettrado, respondeu o menino com orgulho.

— Em boa hora. E quando vos apresentareis ao exame?

— Depois de explicar o Onan-yen-yu, o Ming-sing-pao-kien, o Tao-teking,

o Kan-ingpien, o Tong-kien-kan-mon e o Ping-an-hoon-chouen.

— Grande Deus! exclamei assustado com aquella enumeração. É preciso ter lido tudo isso para obter os primeiros gráos?

— É indispensavel. Dentro de tres ou quatro annos serei bacharel. Tendes em Inglaterra poetas e litteratos?

— Sim.

— E bachareis e licenciados?

— E doutores tambem.

— Tambem doutores! É possivel que haja diabos vermelhos doutores?

E Tsia batia as mãos como se tivesse ouvido a cousa mais surprehendente do mundo.

— Que sabem vossos doutores? perguntou-me.

— Tudo, pouco mais ou menos, exceptuando o chinez.

Agora não deu Tsia indicios de surpresa, mas olhou para mim de maneira que queria dizer claramente: doutores que não sabem a lingoa chineza; muito bem; vejo que mangais comigo; mas eu não sou nescio, e comprehendo o engano.

Que extraordinario acontecimento! Não é um sonho? Terei fumado opio sem o saber? É verdade que possúo o thesouro tão ardentemente desejado, e que apenas me separam da felicidade alguns milhares de legoas e dous ou tres mezes de demora? Oh! miss Aurora! miss Aurora! É possivel?

Antes de hontem voltei a casa do negociante de porcelânas; suas investigações tinham sido infructiferas. Estáe certo, disse-me, de que não ha em Shang-hai o que procuraes.

— Não poderiam fabricar uma cha-

vena exactamente egual a esta, cujos bocados vedes? perguntei-lhe.

—Não, esta era uma peça de louça chineza antiga, de um esmalte particular, cujo segredo já não existe.

Immediatamente fui tomar bilhete para um vapor, que devia partir no dia seguinte para o golfo de Petchilli, e despedi-me do capitão Lecoq, que me desejou boa viagem com palavras, em que, estou persuadido, havia emoção.

Passeiava á noite em o caes entregando-me a pensamentos muito melancolicos, quando um homem de rosto franco e honrado, indicando uma linda embarcação, olhou para mim de maneira que queria dizer claramente: Deseja o sr. dar um passeio pelo rio?

Inclinei a cabeça affirmativamente, porque tambem se reflexiona em um barco ou talvez melhor do que em terra.

Entrei no barco; o homem sentou-se ao leme: dois remadôres tomaram os rêmos, e descemos o rio com socêgo.

A noite estava muito serena. Pobres cabanas, cuja base se perdia no lôdo, elegantes casas de recreio que sahiam das aguas reflectindo n'ellas os retorcidos angulos do seu duplo tecto; pagodes de septe ou oito andares, que pareciam querer escalar o céo, grandes barcos chinezes de redondos costados, rapidos botes que se deslisam silenciosamente como o nosso sobre as tranquillas aguas, arvores da ribeira, campos de arrôz, prados e aridas areias, tudo tinha á branca luz da lua um encanto, uma bellesa indiscriptivel. [1]

[1] É verdadeira a descripção que faz Kaempfen: n'aquellas terras solitarias são encantadoras e apraziveis as noutes de luar, que

Pouco a pouco deixaram de ser amargas minhas reflexões e o meu espirito, como movido pela brisa, que soprava brandamente, fluctuou livre de todo o laço em uma região vasta, mysteriosa e poetica, na qual encontrava immenso prazer.

Estou seguro de que não dormia, mas tão pouco estava despertado, como é necessario para discutir a questão do livre cambio, ou da reforma eleitoral.

Quanto durou aquelle singular estado, que seria objecto de grandes meditações para um discipulo de Fichte ou de Hegel?

Não posso dizel-o.

Um grito rouco e selvagem tirou-me bruscamente d'aquelle letargo. Era

tornam brilhantes certos locaes por onde passa o viajante e que têem muita poesia. *N. do T.*

um corvo marinho, que atravessava o rio.

Voltando á realidade por causa d'aquelle inesperado grito observei que nos tinhamos afastado muito. Passamos Woosung, e nosso barco deslisava-se entre os bancos de areia, que tapam a desembocadura do Yang-tse-Kiang. Os marinheiros que, ao principio, remavam preguiçosamente, pareciam disputar agora o premio da carreira a uma barca invisivel.

Surprehendeu-me isto bastante, e olhei para o patrão.

O seu aspecto de honradez, que me seduziu, tinha-se trocado em expressão de astucia e de audacia.

Então olhei para os dois remadôres

Lavater logo exclamaria vendo aquellas duas cabeças baixas e ferozes: São bons para serem enforcados!

O rio estava deserto.

Senti um pequeno estremecimento na raiz dos cabellos, e o coração palpitou-me tres vezes mais depressa e com mais força, do que convinha.

Dirigi-me ao patrão, e fiz um gesto que, em todos os paizes do mundo, quer dizer: «Voltae para traz.»

O patrão sorriu desdenhosamente, e não imprimiu o menor movimento ao leme: os remeiros começaram a remar com mais força; a barca voava sobre as ondas.

— Stop! gritei com força.

O patrão olhou para os dois marinheiros de modo particular; estes abandonaram os rêmos, deitaram-se sobre mim, tiraram debaixo das suas roupas cordas e algemas, ataram-me de pés e mãos, pozeram-me uma mordaça, e deitaram-me no fundo da barca. Tudo isto succedeu em menos de

um minuto. Evidentemente aquelles homens praticavam um acto, que lhes era familiar.

Como mostrava o meu descontentamento batendo com os pés atados no fundo do barco, o patrão largou o leme, e, deitando-se sobre mim, fez brilhar aos meus olhos, á luz da lua, um punhal, cujo cabo estava curiosamente cinzelado, e a folha muito aguçada.

N'outras circunstancias teria tido grande satisfação porque via junto a mim uma arma tão bonita; mas confesso que, n'aquelle momento, não tive alguma.

Comprehendi que não devia contrariar a um homem, que tinha meios para fazer-me calar quando o contradissesse, e fiquei tão socegado como um menino, quando a mãe lhe offerece dôces, se elle é bem educado.

Ser-me-hia muito agradavel o dor-

mir, mas o somno não queria chegar, e não sei porque inexplicavel desvario da imaginação durante toda a noite, que me pareceu bem comprida, tive constantemente diante dos olhos, em vez das ribeiras do Yang-tse-Kiang, um salão simples e elegantemente mobilado em Hanover square; uma chaminé em que ardia bello fogo; á direita da chaminé um digno cavalheiro lendo o *Times;* á esquerda uma bôa senhora fazendo meia; no meio do salão, junto de uma mesa coberta com tapete, uma joven loura e risonha, deitando chá em chavenas chinezas, e a dois passos d'ella n'uma cadeira, forrada de setim verde, um homem de trinta e dois annos, que para ella olhava com ternura. O peior de tudo era que esta obstinada visão dava-me vontade de chorar, e que podia conter-me com difficuldade.

*

O sol appareceu no horisonte.

Julgo que foi o mais lindo nascimento do sol que vi em minha vida, mas devo dizer que teria preferido áquelle sublime espectaculo, no rio Azul, a mais densa nevoa sobre o Tamisa.

Além do que o bandido, que ia ao leme, não me deixou gozar por muito tempo das bellezas da naturesa, deitando sobre mim um pedaço de lôna, que me cobriu dos pés á cabeça. Sem duvida julgava conveniente evitar as vistas curiosas, no caso que se encontrasse alguma barca.

Resignei-me philosophicamente a ser asphyxiado, pensando que ainda aquelle homem do diabo me queria cortar a respiração por maneira mais desagradavel.

Quanto tempo estive n'aquella posição? Não posso dizel-o com exactidão; mas julgo que teriam passado tres

ou quatro horas, quando me senti rudemente levantado. Passado um momento deixaram-me no chão como um fardo, que não merece grandes cuidados. Decorreram ainda poucos minutos, e, não ouvindo barulho algum, atrevi-me a deitar fóra a lôna.

O sitio, em que me achava, era mui escuro; voltei-me com grandes esforços para uma pequena abertura por onde entrava um raio de luz, e, depois de levantar-me com muito trabalho sobre os joelhos, descobri, tanto quanto a vista alcançava, o mar brilhando sob os abrasadores raios do sol do meio dia.

Estava a bordo de um barco muito grande, e, segundo toda a apparencia, de um barco de piratas.

Era realmente má a minha posição. Espantosas caimbras do estomago a tornaram bem depressa cruel. Deixar-me-

hão morrer aqui de fome? disse eu. Esta idéa perturbou-me a ponto que não posso agora pensar em tal sem envergonhar-me. Que pusillanime é o homem!

Uma linda chalupa com bandeira ingleza passou a 100 braças do barco; formei porta-voz com as duas mãos, e comecei a gritar com todas as minhas forças:

Soccorro, irmãos, soccorro!

A chalupa continuou graciosamente a sua marcha.

Outros barcos passaram mais perto ainda; sempre gritei, mas sempre em vão.

Já desesperado cahi sobre o solo de minha prisão; Deos teve piedade de mim, e adormeci.

O meu somno foi profundo e socegado.

Quando despertei, não era o sol des-

lumbrante, mas a pallida e melancolica lua, que illuminava as ondas.

Olhei para o mar, e por alguns momentos, ao vêl-o tão socegado, experimentei uma sensação tão doce e poetica, como nunca senti outra egual. Ainda não tinha recobrado a memoria, mas repentinamente uma terrivel caimbra de estomago destruiu o encanto, e deixou-me repentinamente ante a espantosa realidade.

Já havia uma hora, que procurava, sem muito exito, olhar para o mar frente a frente e com firmesa, quando senti passos; estremeci; os passos aproximaram-se; entraram no meu calabouço, que a noite invadia completamente, e quatro braços me levantaram.

Eram os de dois robustos homens, que me levaram como a um menino.

Apezar da carga subiram rapidamen-

te uma escada muito direita; comprehendi isto pela inclinação da minha pessoa, emquanto os dois hercules subiam os degráos.

A escada conduzia á coberta do barco, e, com delicia, respirei o ar fresco da noite, e dirigi a vista para o estrelado do céo.

Quasi ao mesmo tempo abriu-se a cortina, que fechava uma especie de pavilhão na pôpa do barco; os que me levavam, que não eram mais do que os canalhas remadores do mesmo, estenderam-me de vagar sobre um mole tapête, e em seguida ficaram á direita e á esquerda.

Nunca houve surpresa egual á minha, e, na verdade, era preciso ser grande philosopho para recordar n'aquelle momento o preceito de poeta, e não experimentar admiração alguma.

Estava no gabinete mais encantador

que a seductora parisiense póde imaginar nos seus mais ambiciosos sonhos.

Aquelle delicioso recinto estava forrado de tecidos bordados a oiro e prata; do tecto pendia um elegante candelabro de cristal; a luz de suas vinte vellas reflectia-se em seis espelhos de Veneza com maravilhosas molduras, e cahia, deslisava-se e quebrava em vasos da Bohemia, esmaltes e vasos da China, mosaicos de Italia, colares de perolas, braceletes de pedraria, armas preciosas, thesouros de todos os paizes e de todas as épocas, deitados á vontade sobre grandes aparadôres envernisados a laca do Japão.

Já não podia mais duvidar de que estava n'umbarco de piratas; aquelle camarote, onde o mundo inteiro tinha depositado contra vontade o seu luxo, acabou de certificar-me.

Um homem de cincoenta annos e uma joven, apenas de vinte, estavam sentados diante de uma mesa lavrada e tomando chá. Maçãs do rosto prodigiosamente sahidas; grandes orelhas achatadas e de desmedido lobulo; uma boca formidavel e sem labios, sob um nariz quasi imperceptivel, faziam do homem chinez o mais feio, que se podia encontrar desde Cantão até Pekim. Aquelle monstro era de mais a mais vesgo; o olho são, de côr parda, e profundamente sepultado na orbita, que cercava uma sobrancelha levantada, estava brilhando com resplendores feroses. Nunca pirata algum indicou melhor qual era o seu officio, como dizem em França. O bandido estava magnificamente vestido com uma blusa de brocado de oiro e uma calça de sêda côr de cereja; um sabre turco, digno de um grão visir, pendia do

cinturão, pelo qual passavam duas grandes pistolas damasquinas.

Em toda a parte ter-se-hia admirado a joven; n'ella era encantadôr o typo chinez, e os poetas do celeste imperio não teriam poupado as metaphoras para celebrar os seus encantos; mas, cousa extranha, o olhar d'aquella preciosa creatura, de feições infantis, era glacial e quasi sinistro.

Estava vestida como um idolo; em cada um dos seus delicados dedos[1] tinha a fortuna de uma familia, e o seu gracioso colo parecia dobrar-se sob o peso de colares, que as princezas lhe teriam invejado.

Por detrás do pirata e da extravagante joven estava de pé o marinheiro, cuja

[1] Os anneis de differentes metaes são de uso proverbial entre os filhos do Oriente. Ha povos que até os trazem em grande quantidade nos dedos dos pés. *N. do T.*

honrada physionomia me inspirára tanta confiança.

A um signal do amo os dois homens, que me tinham levado, revistaram-me as algibeiras e collocaram sobre a mesa a minha bolsa, o relogio, o retrato em miniatura de miss Aurora guarnecido de brilhantes, e a minha carteira contendo grande numero de bilhetes que, na tarde anterior, me entregára um banqueiro de Shang-hai, contra o qual trouxera uma letra de cambio.

O homem da barca, que sem duvida procurava um *negocio*, viu-me sahir de casa do banqueiro, e julgou achar em mim boa presa, e então convidou-me para aquelle passeio por agua, que provavelmente me custaria caro.

O retrato excitou vivamente a curiosidade da joven ; fixou os seus crueis olhos nas doces feições da minha promettida, e sorriu malevolamente.

O pirata contava os bilhetes com cuidado.

Quando acabou, desenhou-se no seu feio rosto um sorriso de satisfação, que ainda o tornou mais feio. Inclinou-se para a sua companheira e fallou-lhe em voz baixa. Esta inclinou indolentemente a cabeça.

Deu logo uma ordem; um dos remadores sahiu, voltando rapidamente com uma grossa bala de artilheria.

Aquelle homem ajoelhou junto de mim, e atou-me a bala aos pés.

Tudo comprehendi immediatamente; tinham-me roubado. Já nada podia fazer, porque me iam deitar a afogar. Julgo preferir aquelle momento a morrer de fome. Quem poderá explicar as particularidades e contradicções da alma humana?

Terminada a operação de atar a bala, levantou-se o bandido e dirigiu humil-

demente a palavra ao pirata; sem duvida pedia as ultimas ordens. Antes de responder, o monstro tomou a chavena de chá, que tinha diante, e approximou-a lentamente aos labios.

Olhava para elle como olha o homem, cujo pensamento está n'outra parte, quando de repente dei um grito, subiu-me o sangue ao rosto, inclinei-me rapidamente para diante e tratei machinalmente de romper meus laços; a chavena, em que ia a beber o bandido, era a que eu procurava na China, e que me custava a vida; tinha-a reconhecido; era ella; estava certissimo.

Quando ouviu o grito que eu não tinha podido conter, o pirata levantou a cabeça, deitou-me um olhar colerico; e fez um signal com a mão, que queria dizer:

— Levae esse homem!

Os dois canalhas trataram de obedecer; já me tinham agarrado quando vejo abrir-se repentinamente a cortina do pavilhão, e apparecer um marinheiro com o rosto desfigurado, o qual pronunciou algumas palavras com breve e commovido acento.

O pirata deu um salto, tirou as pistolas do cinturão, engatilhou-as e sahiu do pavilhão.

O patrão da barca correu atraz d'elle; os seus dois companheiros deixaram-me cahir sobre o tapete e seguiram-o, ficando eu só com a joven, que estava muito pallida, e cujos labios tremiam.

Durante alguns momentos só ouvi o ruido de rapidos passos pela coberta; depois ouviu-se um clamor selvagem, seguindo-se o tenir das espadas e cinco ou seis tiros de pistola.

Batiam-se sobre a coberta!

De prompto socegou o barulho, e entrou um alferes da marinha franceza com um rewolver n'uma das mãos e um sabre na outra.

A joven chineza começou a tremer; o marinheiro tranquilisou-a com um gesto e inclinou-se para mim.

—Como! sois vós, sir Edmundo? exclamei.

—Eu mesmo, senhor Bernard, respondi, (tinha conhecido ao amigo do sr. Harisson) eu mesmo, e chegaes muito a proposito, o mais a proposito que se póde chegar. Se tendes vindo um minuto mais tarde, estava no fundo do mar Amarello com uma bala de artilheria aos pés, que provavelmente ter-me-hia para sempre impedido de voltar á superficie.

Mas porque motivo vos encontro n'um barco de piratas?

—Commetti a indiscrição de dar um

passeio por mar com pessoas que não conhecia, e trouxeram-me aqui para roubar-me e afogar-me em seguida; isto é tudo. E vós, querido cavalheiro, como é que chegaes tanto a tempo para arrancar-me das garras d'estes demonios?

— Ha alguns dias, mandou-me o almirante uma pequena frota para dar licção aos senhores piratas; e a minha boa estrella quiz que eu fizesse parte da expedição. Nas alturas de Churan metralhámos já estes canalhas e capturámos boa porção de barcos, que elles abandonaram. Tranquillamente voltava a Shang-hai no brigue, cujo comando tomei ao partir, e que vae na vanguarda, quando avistámos este barco.

Tive curiosidade de visital-o com a minha gente, e estupidamente deixaram atracar. Mas tendo-nos recebi-

do mal, houve que ensinar a educação a estes canalhas. A licção foi pequena, mas bôa; e agora tudo está em ordem. Julgo porém ser tempo de livrar-vos d'essa bala e das algêmas.

— Oh! respondi, agora que, para recobrar a liberdade de meus membros, só é preciso desejal-o, a bala não me incommoda, e quasi me seriam agradaveis as algêmas se me não impedissem estreitar a vossa leal e valente mão.

O bravo joven apressou-se a desprender-me, e trocamos um d'esses abraços, que estreitam a amisade por toda a vida.

Deixei o barco, e subi para bordo do brigue *El Aguila*, que commandava o sr. Bernard, depois de recobrar minha carteira, minha bolsa e o retrato de miss Aurora.

Mas a chavena?... A chavena me seguirá.

Passada uma hora entramos nas agoas do Yang-tse-kiang, rebocando o barco chinez, cujo capitão e marinheiros iam solidamente amarrados e encerrados no local aonde tanta fome eu passára.

Tinham deixado a linda chineza no seu encantadôr camarote com uma sentinella á porta.

Esta manhã desembarcámos no porto de Shang-hai. Ás onze horas foram julgados os piratas; ás doze cortaram-lhes as cabeças sem dar-lhes antes qualquer tortura, porque o verdugo está agora muito occupado e não tem tempo para entreter-se com bagatellas. Disseram-me que os bandidos morreram como valentes.

Ás seis vendeu-se em leilão o barco e quanto continha, inclusivè a joven

chineza, que foi comprada por um ve lho mandarim.

Por seis *pence* comprei a preciosa chavena, cuja posse assegura minha felicidade. Está aqui diante de mim, sobre a mesa em que escrevo. Depois de amanhã o vapôr *El Pelicano*, em que vou de passagem, levar-me-ha á Europa, e dentro em dous mezes, se Deus quizer, miss Aurora se chamará mistress Broomley.

Esta tarde andei muito com meu amigo Bernard; é homem honrado. Primeiramente passeiámos pela praça do Chá, fallando de cousas indifferentes, acotovelados pelos aguadeiros e tropeçando em cosinhas ao ar livre. A belleza da noute fez-nos sahir da cidade. Chegámos a um sitio retirado, plantado de arvores. Penetrando a luz pela folhagem illuminava um antigo mausoléo. Em volta de nós tudo esta-

va em silencio; aquelle tumulo de um môrto desconhecido augmentava o mysterio da noute, mas não a entristecia. Dôce emoção embargava minha alma. O joven alferes contou-me em voz baixa o seu amor a miss Harisson.

— E ella tambem vos ama? perguntei-lhe.

— Sim, respondeu-me mais baixo ainda. Ella, porém, é rica como a filha de um rei, e eu sou pobre.

— Que importa! casareis com ella.

— Crêdes deveras...

— Creio que ha mais probabilidades para que o honrado joven pobre case com honrada joven rica que o ama, do que para o louco encontrar no celeste imperio a unica chavena de porcellâna, que tem valôr aos seus olhos. Confidencia por confidencia.

E contei-lhe o segredo da minha viagem á China.

A BORDO DO ABESTRUZ

Fazem hoje, 17 de julho, cinco dias que devia navegar para Inglaterra no brigue o *Pelicano*, e navego para o golpho de Petchili na barca o *Abestruz*.

Projectos humanos, esperanças humanas, que nescio aquelle que se fia em vós!

No domingo de manhã mandei levar a minha bagagem a bordo do *Pelicano*, que devia sahir de Shang-hai na quarta feira seguinte á noite. Nada havia na cidade que excitasse minha curiosidade, e resolvi-me visitar um pagode celebre, situado a 15 ou 20 milhas no interior.

Na quarta feira de manhã estava de volta, e com infinita surpresa vi que não se achava no porto — o *Pelicano*.

Onde está o *Pelicano?* perguntei a um soldado francez.

—Ha uma hora que partiu.

—Ha uma hora... Para Marselha?

—Não, para Pe-tang.

—Como?

O capitão recebeu ordem de transportar immediatamente um destacamento para o golpho de Petchili.

—E a minha chavena? exclamei.

O soldado olhou para mim sem comprehender-me.

Saltei a uma barca de seis remadôres e fiz um gesto que queria dizer: Descei o rio.

Esperava que as difficuldades da navegação do Yang-tse-kiang atrasariam a marcha do vapôr, e que poderia alcançal-o.

Quando se pôz o sol, chegavamos á ultima aldeia, que se encontra antes do mar.

Uma canôa, tripulada por marinheiros inglezes, estava para regressar a Shang-hai.

—Vistes passar o vapôr *Pelicano?* perguntei-lhes.

Um d'elles estendeu o braço para o horisonte, em que se destacava um ponto negro sob um rasto de fumo.

—Vêde-lo, disse-me o marinheiro.

Não me deitei de cabeça ao rio; isto deu-me alta idéa de minha força de vontade.

Os meus seis remadores levaram-me outra vez a Shang-hai.

No dia seguinte partia o *Abestruz* para Pe-tang; não vacilei um momento, e tomei um camarote no *Abestruz*. É um bom barco andadôr, e o vento favorece-nos; mas parece-me que o navio não anda, e que o vento nos é contrario. Tanta pressa tenho de chegar.

EM FRENTE DE PEKIM

Chegámos a Pe-tang no mesmo dia, em que entravam os exercitos alliados.

— O *Pelicano?* perguntei a um marinheiro inglez, que fumava no seu cachimbo no cáes.

— Partiu para Hong-Kong hontem de tarde.

— Hontem de tarde! disse com voz desfalecida, e desmaiei nos braços do marinheiro.

A minha primeira palavra, quando recobrei os sentidos, foi:

— Voltará?

— Quem?

— O *Pelicano.*

— Sim, respondeu o marinheiro, virá no mez de outubro com provisões para o exercito. E acrescentou: Fa-

rieis bem se cahisseis mais para a esquerda.

— Porque meu amigo?

— Porque me quebrastes o cachimbo, um dos mais venerandos da marinha real: sete annos de serviço!

E mostrava-me os bocados de um cachimbo de barro, formando uma cabeça de turco, e que jaziam no chão. A côr d'aquelles tristes restos fazia crêr nos sete annos de serviço.

— Ah! meu amigo, se soubesseis! disse ao honrado marinheiro, e, deitando-lhe um duro na mão, afastei-me.

Era muito ter de esperar tres mezes, e resolvi-me seguir a columna ingleza. Comprei um cochesinho fechado, coberto com um tecto de angulos retorcidos, e que parecia um pavilhão chinez ambulante; e um cavalito que tinha mais força do que bom aspecto. Comprei ainda uma espingarda.

Esta manhã, 13 de outubro, cheguei com o meu coche diante das muralhas de Pekim.

O cavallo está cançado, porque ha muito caminho a andar desde Pe-tang a Pekim: a carroagem coxeia da roda esquerda, porque são mui profundas as covas do caminho; e o cano da espingarda está negro, porque vendo em Takou, em Tchang-kia-ou-ang e em Pali-kiao aos meus valentes compatriotas baterem-se pela honra da velha Inglaterra, não pude deixar de fazer alguns tiros aos chinezes sem a menor colera, não ha duvida.

. . . .

Estou ainda diante das muralhas de Pekim com a minha carroagem chineza e o meu fraco cavallo, e no mesmo ponto exactamente em que me achava, ha oito dias.

Nossos diplomaticos e generaes têem

apenas de pronunciar uma palavra para que as portas da cidade se abram aos diabos do Occidente; mas parece que não têem grande pressa de entrarem solemnemente na capital dos filhos do céu.

Talvez não terão sentimento em participar aos senhores chinezes que os barbaros do Occidente esperam sem grande impaciencia o momento, em que lhes seja permittido contemplar as magnificencias da primeira cidade do primeiro imperio do mundo.

Esta humilhação, imposta ao amor proprio do povo mais vaidoso do mundo, será sem duvida propria de boa educação : mas é certo que, se lhes dâmos uma licção, nos custa muito, porque a nossa curiosidade não é tão tranquilla como queremos fazer ver aos mandarins. Pelo que toca á minha pessoa, começo a considerar muito pouco apetecivel o ter

de ficar toda a semana em frente de uma muralha que occulta o que, durante toda a vida, tive grande desejo de vêr.

O meu cavalito é muito mais philosopho do que eu: o praser de descançar, depois de tão grande viagem, lhe basta, e está tão socegado diante da porta principal de Pekim, como, em Londres, um cavallo do omnibus diante do *Temple Bar*.

A carroagem serve-me de salão, casa de jantar e de dormir: durmo o mais que posso para que me pareça menos o tempo.

Desde o primeiro dia da nossa chegada teriamos atravessado esta maldita muralha, se desgraçadamente não tivessemos recebido a noticia de que 10:000 tartaros se tinham fortificado n'um acampamento intrincheirado a curta distancia da cidade. Marcharam

contra elles; mas não esperam as tropas alliadas e dirigem-se para o palacio de Estio do Imperador, situado quatro milhas ao noroeste de Pekim. Emquanto a divisão ingleza atravessava lentamente uma comarca sulcada por mil canaes, os francezes chegavam, por outro lado mais expedito, ás primeiras casas do pequeno povo de Yuen-ming-yuen, e duas companhias de infanteria de marinha desalojavam os tartaros do castello imperial.

Cheguei muito tarde para visitar o maravilhoso palacio de Estio.

Hoje foram reduzidos a cinzas trinta pavilhões, em que os imperadores tinham acumulado seus thesouros: lord Elgin os mandou queimar julgando este procedimento, completamente asiatico, proprio para dar aos chinezes alta idéa dos europeus.

É delicioso ouvir fallar os soldados,

em sua pitoresca linguagem das magnificencias do palacio do Yuen-ming-yuen. Esta manhã descrevia-o um caçador do 101 a um camarada retido na ambulancia por causa de uma ferida, que recebeu em Pali-kiao.

— Vistes, dizia-lhe, o palacio de Versailles, que é um palacio como não ha outro? Pois bem, camarada, ao lado do palacio do Estio não é grande cousa, ou antes, não é cousa alguma. Em primeiro logar ha jardins, em que as Tuileries, Luxembourg, Saint-Cloud e o bosque de Bolonha bailariam uma contradança sem se incommodarem uns aos outros; lagos extensos; rios com pontesinhas, que não queria que me encarregassem de contal-as. E edificios! É preciso vel-os! Todos de marmore branco; parece que a pedra de cantaria não é boa para estes senhores chinezes: e os tectos são de ouro, de

prata e de esmeraldas! Quando lhes dá o sol não se póde olhar para elles. O interior ainda é melhor : riquezas para fazer tremer os nossos millionarios ; diamantes, rubis e topasios aos montões ; aneis, colares, braceletes, que se necessitariam carroças para levar tudo ; tecidos de seda bordados de flores e de ramagens, com que haveria bastante para vestir o universo. Além d'isto uma infinidade de animaes quaes d'elles mais espantosos, e canalhas de idolos [1] de

[1] É verdade o que diz o auctor, em tudo muito consciencioso. Os pagodes, que vimos na India, têem muitos idolos, que andam em andôres aos hombros dos representantes d'aquella religião, em dias festivos, ao som da infernal e desentoada musica. Fazem a sua volta ao mesmo pagode, precedidos das classicas bailadeiras, vestindo togas de seda, colares e objectos de ouro e de pedrarias, riquissimos.

É tudo ali extravagancia!! A vista dos pagodes e das bailadeiras de Cirodá causa ao

ouro, prata e bronze, com umas caras, que fazem a qualquer têr pesadêllo de noite. Havia uma estatua de um tal Budha, que adoram estes pagãos, quasi tão alta como a columna Vendome, e toda de ouro massiço. Asseguro-te que só ella valia mais do que as dragonas de todos os officiaes do exercito francez: ah! demonio! os chinezes não são avarentos com os seus deuses. Este era o palacio de Estio, camarada. E quando se vê isto, fica qualquer com fogos artificiaes nos olhos para toda a vida, e sabe mais do que os cidadãos, que nunca sahiram do curral das vaccas, não contando com a parte que cada um tem na presa, pois se acha nas disposições de convidar um amigo. Vivandeira, dois copitos do bom.

principio admiração; isto em Pangim onde estivemos no pagode mais considerado.

N. do T.

Á saude de S. M. o imperador da China! Eu pago.

Ah! lord Elgin, dizia eu depois de ter ouvido fallar o caçador do 101, se não fôsse pelo proveito, que resulta á civilisação da época, odeiar-vos-hia por mandares queimar o palacio de Yuen-ming-yuen.

. . . .

Hontem, 24 de outubro, o embaixador de S. M. britannica entrou em Pekim levado n'um palanquim aos hombros de 16 chinezes vestidos de escarlate, escoltado por um esquadrão de dragões da rainha, um destacamento de infanteria da India e dois regimentos de infanteria inglesa.

Eu fechava a marcha montado na minha *faca* lasarenta, que tinha arreiado o melhor possivel attendendo ás circunstancias, e que levantava a

cabeça com certo ar de triumpho, que não era proprio de um cavallo chinez em similhantes momentos.

Entrando em Pekim, detrás do embaixador inglez, sentia notavel e legitimo orgulho pensando que tambem era inglez.

A immensa multidão, que se agrupava nas ruas, olhava para nós com curiosidade e, posso até dizel-o, admirava-nos; os mandarins não deviam estar contentes.

O principe Kong, irmão do imperador, rodeiado de grande numero de auctoridades magnificamente vestidas, recebeu lord Elgin á porta do yamoun dos Ritos.

Entrou, pois, no palacio onde havia de firmar-se o tratado de paz, e, como eu não tinha titulo algum para poder presenciar tão importante cerimonia, fui passeiar pela terra.

*

Vêr Pekim! Quem terá dito isto algumas vezes?

Pois bem! estava na famosa cidade, extranha, inverosimil, na cidade que, durante seculos, appareceu á imaginação como um sonho impossivel. Pekim pertencia-me por alguns dias: Pekim todo inteiro: a cidade interior e a cidade exterior: a cidade sagrada e a cidade imperial; a academia de longitudes, a de medicina; a bibliotheca imperial e a imprensa imperial; todos os palacios dos ministros, e do supremo tribunal; o da universidade, o das purificações, aonde o filho de céu vae jejuar na soledade, pelo que honra a sua mãe; o dos interrogatorios imperiaes, aonde vão os principes no primeiro dia do anno; o palacio do imperador, o da imperatriz; o grande mosteiro dos Lamas da Mongolia; o templo da litteratura e o de todas as

dymnastias; o templo dos antepassados, o grande templo de Confucio; o pantheon dos homens illustres; o observatorio de Kubilai, fundador de Pekim; o grande arco do triumpho erigido á gloria dos exercitos; o campo sagrado onde annualmente o imperador, para animar a agricultura, traça um rego na presença do povo; a montanha da luz, ou a santa e redonda collina, sobre a qual se vê um pagode formado por tres torres collossaes sobrepostas; tudo isto me pertencia!

Durante aquelle dia, em que andei ao acaso, vi algumas das maravilhas, que frequentemente imaginava quando no inverno ao cahir da tarde, no gabinete de meu tio Toby, com os olhos fixos na accesa chaminé, pensava nos objectos longiquos.

A minha imaginação tinha adulado muito os edificios de Pekim.

As magnificencias da primeira cidade do imperio chinez parecêram-me bem pobres magnificencias.

Quando em sonhos visitava Pekim, nunca me passaram pela idéa as ruas cheias de lôdo, nem pensei que estaria a cada instante ameaçado de cahir em poços abertos no meio das calçadas, respirando infectos miasmas, que sahiam de repugnantes casas, onde havia montões de immundicies.

Os pequenos inconvenientes, de que estava isempto o Pekim de minha imaginação, causaram-me no Pekim real a mais desagradavel surpresa.

Não querendo ficar n'alguma estalagem da cidade imperial, voltei a deitar-me na minha carroagem á porta de Anting.

Hoje entraram em Pekim o embaixador francez e as tropas francezas, e firmou-se a paz no palacio dos Ritos entre a França e o celeste imperio.

Encontrei o meu bom amigo Bernard. Passeiámos juntos toda a tarde, e fallámos muito do sr. Harison, e de sua encantadôra filha. Esta noite entrámos no melhor café da rua do Perpetuo Repouso.

N'elle foi-nos servido chá. Vendedôres de pastelinhos e de doces vieram offerecer-nos estas golosinas e provamos os productos mais extravagantes da confeitaria e pastelaria chinezas; tudo passa com o chá; talvez por este motivo tanto adoram na China esta bebida.

Em Pekim são apaixonados pela musica, e os donos do café recebem muito bem a todos e todas, que tocam instrumentos, da mesma maneira que aos cantores e cantoras que entretêm os vendedores de chá.

Uma mulher, cujo pallido rosto exprimia profunda melancolia, mimoseou-

nos com um romance, que durou mais de um quarto de hora. Sua canção era plangente, de rythmo mui lento, entrecortado por gritos que nos rompiam os ouvidos; quanto mais falsa e penetrante era a nota, tanto mais orgulhosa de seu talento se apresentava a cantora, e a prolongava indeterminadamente, inclinando a cabeça para traz e fechando os olhos, como absorvida em delicioso extasis.

Os ouvintes pareciam transportados tambem ao paraiso musical; por todas as partes viamos sorrisos, momices e murmurios de admiração, os mais comicos do mundo.

Quando terminou a canção, approximou-se uma menina ás mezas apresentando o seu leque aberto, que promptamente ficou coberto de moedas. Admirada a menina da recompensa foi leval-a a sua mãe com ingenua alegria.

A cantora cumprimentou a todos com muita affabilidade, e sahiu levando a menina pela mão.

Um quarto de hora, depois, entrou outra mulher no café.

Quando se apresentou, houve entre os melómanos um movimento de curiosidade acompanhado de murmurio.

A joven ficou no centro da sala.

Quando vi distinctamente o seu rosto, illuminado por uma lampada, não pude conter uma exclamação.

— Que tendes? perguntou-me Bernard.

— Não conheceis esta mulher? disse-lhe.

— Esperáe; na verdade julgo lembrar-me d'ella; mas não, é impossivel!

— Affianço-vos que é ella.

— E como se encontraria em Pekim n'um tão miseravel estado?

— Não o comprehendo, mas não importa; não me engano; é ella: tanto como eu sou Edmundo Broomley.

N'aquelle momento o dono do café servia um official inglez sentado n'uma mesa proxima da nossa; sabia que aquelle official fallava o chinez.

— Cavalheiro! disse-lhe, tereis a bondade de perguntar a esse homem se está ha muito tempo em Pekim a cantôra que acaba de entrar?

O official fez o que lhe pedi.

— Essa mulher, respondeu-lhe o dono do café, era filha de um pirata, que enforcaram em Shang-hai, ha tres ou quatro mezes. Foi vendida a um velho mandarim que, ha seis semanas, teve ordem para aqui vir. Apenas chegou, morreu o bom do homem, deixando sem recursos a pobre escrava, que canta para viver.

—Pois bem! então enganava-me? disse ao alferes.

—A joven tinha afinado um instrumento de duas cordas, especie de cavaquinho usado entre os gregos e asiaticos; e preludiava.

Continuava admiravelmente bella, mas as suas maçãs do rosto estavam alguma cousa deprimidas, e a expressão do seu olhar era ainda mais cruel, seu sorriso mais glacial do que quando a vi pela vez primeira n'aquella memoravel noute em que tão pouco faltou para que cahisse ao fundo do mar Amarello com uma balla de 24 aos pés.

Com movimento precipitado e energia febril entoou uma canção, e, terminada a primeira copla, fixou por casualidade os olhos em nós; suas feições manifestaram expressão de selvagem espanto, mas ficou socegada e

continuou a canção com segura voz. Reparei que não tirava os olhos de Bernard.

Quando acabou, sahiu precipitadamente sem esperar os applausos, e sem receber as offertas dos ouvintes; este inexplicavel modo de proceder foi objecto de animadas e ruidosas conversações.

Não tardámos a sahir do café. E, apenas demos alguns passos, vimos a cantora; fixou outra vez os seus olhos pretos em Bernard com indefinivel expressão, e, atravessando em seguida a rua, perdeu-se na obscuridade.

. . . .

Hontem de tarde fômos visitar um pagode muito venerado pelos fieis budhistas, situado a pequena distancia das muralhas de Pekim n'um local muito pittoresco; chega-se ali por uma escada aberta na rocha, e rodeiando enormes

penhascos e arvores de vigorosa vegetação.

No momento em que chegavamos ao santuario, occultava-se o sol. Estivemos alli bastante tempo absortos n'esse poetico e religioso extravio, que uma preoccupação muito grande impedio que eu tivesse no templo de Honan.

E, quando sahimos do pagode, cerrara a noite e brilhava a lua. Ia eu adiante e tinhamos chegado á metade da escada, quando Bernard deu um grito terrivel... Voltei-me, vi-o vacilante e recebi-o nos meus braços.

—Ferido, disse, ferido no tronco.

Tinham-lhe dado uma punhalada entre as duas espadoas, e que tocou dentro do peito.

—Se morro, dizia, peço-vos que dês este objecto a miss Mary, mostrando-me uma medalha, que trazia ao pescoço.

Olhei em torno de mim e não vi pessoa alguma.

Promptamente ouvi a cem passos de distancia uma exclamação de triumpho e de alegria, e, por detraz de um penhasco, appareceu a filha do pirata; brandiu uma faca sobre sua cabeça illuminada pela lua, e desappareceu.

Ia perseguil-a, quando me deteve um gemido do pobre alferes.

Poucos minutos depois passaram uns peregrinos, que me ajudaram a levantar e conduzir o ferido para casa de um dos sacerdotes do pagode.

Durante tres dias e tres noites o meu pobre amigo teve uma febre ardente e continuo delirio.

O nome de miss Mary estava sempre nos seus labios, e a voz do ferido era tão meiga e terna que, se a joven tivesse ouvido pronunciar seu nome por aquella forma, o coração

estremeceria de dôr e de alegria ao mesmo tempo; tambem o bom senhor Harisson experimentaria o mesmo; estou seguro que teria, chorando, pegado na mão de sua filha e a poria na abrasadôra do alferes.

Esta manhã tinha terminado a febre, e diminuido muito o delirio.

O doutor — medico da marinha franceza — julga poder responder pela vida do enfermo.

O sacerdote, que nos dá hospitalidade, é um excellente homem; cuida em Bernard com uma abnegação, que honraria a qualquer sacerdote christão; emquanto prepara as medicinas, ordenadas pelo doutor, faz orações a Budha; estas orações, ainda que não são feitas a quem se deve, não deixam de chegar, estou persuadido, aonde chegam todas as que brotam de um coração honrado e piedoso.

Informou-se o mandarim encarregado da policia do attentado commettido contra o pobre alferes; e, quando lhe narrei o crime, vi que deu todos os indicios de verdadeira desesperação, e jurou que promptamente vingará o illustre joven francez.

Creio tanto em sua desesperação, como na omnipotencia do filho do céo, e não tenho grande fé na justiça chineza, quando a victima é um estrangeiro.

....

Fez hontem quinze dias que foi ferido o sr. Bernard, e ha uma semana que está em plena convalescença.

Esta manhã demos um passeio pelas ruas de Pekim. Duvido que haja espectaculo mais variado e curioso do que o de uma cidade chineza populosa e activa; não ha preoccupação, por grave que seja, que não distraia o espirito;

não ha meditação que não perturbe; não ha melancolia, que não dissipe. O que escapa á morte, e se vê no meio d'esta multidão que vae, vem, ri, grita e gesticula, sente mais o prazer de viver; tão exuberante é a vida em torno de si.

Quanto via, quanto ouvia, proporcionava ao meu joven amigo uma especie de prazer infantil, ou uma admiração, que não podia descrever-se.

Não se cançava vendo os barbeiros, que faziam a barba no meio da rua; os vendedores de peixe, de legumes e de fructas, que detinham os transeuntes para mostrar-lhes suas fazendas; os garotos sentados no chão e entregues a algum jogo chinez, que não comprehendiamos; os gordos mandarins reprehendendo o povo, que se não affastava a correr para deixar logar á

sua magestosa e official pessôa; os fumistas de opio entrando com vacilante passo no estabelecimento, onde iam envenenar-se estupidamente; os moços, trabalhadores e pobres bachareis devorando com formidavel apetite o resto das iguarias, demasiadamente cheirosas, de algum estalajadeiro, que vivia ao ar livre, e os pelotiqueiros que os folgasões admiravam pela sua destreza. Escutava com prazer a bulha dos serventes que compravam a comida de seus amos; as disputas dos portadores de palanquim que se encontravam nariz contra nariz, e sem quererem retroceder; a facundia dos charlatães fallando das excellencias da sua panacêa; e os alegres gritos dos meninos, que elevavam um papagaio da figura de um peixe, dragão ou passaro; chegava até a admirar os desafinados cantôres, e um espanto-

so quartêto da guitarra, yon-tam, ta-tong e sam-siom lhe causava grande prazer.

Tremi por que o fatigariam tão diversas impressões e tão vivamente sentidas, e insisti para que voltassemos á hospitaleira habitação do bom sacerdote de Budha.

....

O sr. Bernard está completamente curado; nada nos impede de partir para Pe-tang pois tenho grandes desejos de saber se já voltou o *Pelicano* e se me trouxe a minha preciosa chavena de chá.

Afretámos um barco chinez para descer o Pei-ho, e amanhã, ao romper d'alva, sahiremos de Pekim.

Um interprete, aggregado ao exercito, veio dizer-nos esta manhã que urgentemente nos chamava o mandarim, chefe de policia. Immediatamen-

*

te fômos ao yamoun d'este funccionario.

—Sem motivo, disse ao alferes, tinha calumniado a imparcialidade da policia chineza; parece-me que vaes ser vingado.

—Fallando com franqueza, respondeu-me, não o desejo. Repugna-me causar a morte de uma mulher.

—Ainda que essa mulher tenha querido assassinar-vos?

—Sim. Era seu inimigo; entreguei seu pae ao algoz, e, por minha causa, está na miseria; quando me ferio, obedeceu a um sentimento de odio feroz; pobre, desgraçada, abandonada desde a infancia aos mais violentos instinctos, é preciso não julgal-a com severidade.

Calou-se e, no fim de alguns instantes com voz embaraçada, continuou:

—Mas é certo que não vi essa mu-

lher ; sómente vós suposestes têl-a reconhecido.

— Tendes nobre coração, disse-lhe.

N'aquelle momento chegamos ao yamoun e levaram-nos para a sala da audiencia, aonde o mandarim nos esperava sentado n'uma cadeira.

Quando nos vio, levantou-se, aproximou-se apressadamente, e, depois de prodigalisar-nos innumeros *tchin-tchin*, dirigiu algumas palavras a um official subalterno, que parecia esperar suas ordens, voltando em seguida a tomar seu assento, onde se collocou em actitude digna.

Quasi no mesmo momento abriu-se a porta e entrou o official seguido de dous guardas, que traziam uma mulher.

Era a filha do pirata.

Estava muito pallida, mas não tremia, e o seu rosto não manifestava mê-

do algum. Fixou seus olhos em Bernard, olhos que indicavam cruel surpreza, porque encontrava vivo o que julgava morto.

O alferes não olhou para ella.

O mandarim chamou ao interprete e pediu-lhe que traduzisse litteralmente todas as suas palavras e as respostas, que dessem. Dirigindo-se em seguida á mulher:

—Quem és? perguntou-lhe.

—Sou Tchao-Wa, de Shang-hai, cantôra, respondeu.

—Não eras filha de um pirata que foi enforcado, ha alguns mezes?

—Não.

—Feristes com uma punhalada ha tres semanas, no caminho do pagode de Este, ao nosso querido amigo francez, que aqui está?

—Não, respondeu Tchao-Wa com firme pronuncia.

O mandarim olhou para nós de modo que queria dizer evidentemente:

Esta mulher é muito audaz; mas estou costumado aos criminosos, e sei o que deve pensar-se das suas negativas.

—Fostes ferido pela espadoa? Perguntou em seguida a Bernard.

—Sim, respondeu este.

—E não vistes o assassino?

—Não vi.

—Bem! mas o nosso muito querido amigo inglez estava alli, e, um momento depois de commettido o crime, viu por detraz de um penhasco uma mulher brandindo uma faca, e ouvio-a proferir detestavel grito de alegria.

—É verdade, respondi.

—Olhae para essa mulher, disse-me então o mandarim.

Olhei para Tchao-Wa.

—Reconheceis n'ella a mulher, que brandio a faca e dêo o grito.

—Não a reconheço, disse.

As feições de Tchao-Wa não tiveram a menor emoção. O pobre mandarim não podia crêr no que ouvia.

—Pergunto ao nosso querido amigo inglez, repetiu, se essa mulher não foi a que gritou e brandio a faca.

—Não a reconheço, repeti.

O mandarim suspirou profundamente decidindo se por fim como quem diz: Depois de tudo fiz o que pude. E ordenou que pozessem em liberdade a prisioneira.

Tchao-Wa sahiu de vagar, não revelando um só musculo do rosto a menor alegria.

—A justiça continuará suas investigações, disse-nos o mandarim acompanhando-nos até á porta da sala de audiencia.

Accrescentámos que tinhamos grande respeito e admiração pela policia chineza, desejando que não mais se fallasse d'aquelle objecto.

O bom mandarim accrescentou que não podia negar-nos cousa alguma, e acompanhou-nos, prodigalisando-nos attenções e cumprimentos, até á ultima porta do yamoun...

— Muito obrigado, disse-me o alferes quando sahimos.

— Fizeste-me commetter uma loucura, respondi-lhe: queira o céo que não tenhâmos de arrepender-nos! Ide adiante e olhae para a direita e esquerda, não esteja por ahi a nossa heroina com a sua faca.

Graças a Deus chegámos sem incommodo a casa do nosso hospede. E n'aquella tarde fizemos nossas despedidas.

O digno sacerdote mostrou-se tão

afflicto quando lhe perguntamos o que se lhe devia, que ocioso era insistir.

Como recompensa demos-lhe um presente.

A minha estimada *faquinha* e a carroagem chineza, que já me eram inuteis, tudo offereci a uma vivandeira do exercito francez.

. . . .

Asquerôso rio é Pei-ho! Agoas sujas arrastando todas as immundicies da civilisação; ribeiros deprimidos; leito estreito e sinuôso; asquerôso rio na verdade! E, para alegrar a vista e fallar á imaginação, campos de milho rodeados de salgueiros, planicies sem fim, em que se espraia a vista sem poder detêr-se; immensas salinas; porções de lôdo, donde saem aqui e acolá algumas plantas proprias; aldeias miseraveis formadas por casas de terra; cidades commerciaes que

parecem gigantescos armazens ; de tempo a tempo um prado, uma horta, um pagode ou uma quinta de mandarim, que escolhe muito mal o sitio... e isto durante oito dias.

Quantas vezes repetimos esta palavra? «Quando chegaremos a Pe-tang?

Pe-tang era a nossa terra de pro missão, principalmente para mim.

Bernard occupou immediatamente o seu logar na *Aguia*.

O *Pelicano* ainda não chegou; mas espera-se a todo momento.

....

Hoje 15 de dezembro de 1860, ás oito horas da manhã, entrou o *Pelicano* no porto. Em quanto deitou o ferro junto ao cáes, fui a bordo e pedi para fallar ao capitão. O digno marinheiro estava muito occupado com o desembarque da carga; mas é tão attencioso que, mesmo n'aquella occa-

sião, não achou importuna a minha visita.

Capitão, disse-lhe, peço-vos que me disculpeis. Sem alguma duvida não terei a honra de me conheceres.

— Sim, cavalheiro, respondeu interrompendo-me e sorrindo com muita graça, sois sir Edmundo Broomley, e devieis partir comnosco de Shang-hai para Marselha. Por ordem superior tive que ir ao golfo de Petchili, e de não regressar logo á França. Não pude prevenir-vos a tempo, e, na precipitação de uma marcha inexperada, não me lembrei desembarcar a vossa bagagem, pelo que vos peço, humildemente, que me disculpeis.

— Oh! capitão.

— Mandei levar vossos objectos para o meu camarote, e julgo poder assegurar-vos que encontrareis tudo como deixastes.

— Permittireis, capitão, disse com febril vivacidade, que desde já...

— Porque não cavalheiro ? Nada mais natural. Beijamim conduzi sir Edmundo Broomley ao meu camarote.

Um grumete aproximou-se cumprimentando-me como faz um creado perfeitamente educado, e seguiu ao seu destino logo que o capitão disse :

— Decididamente partirêmos para Marselha no proximo sabbado ; se quereis viajar em nossa companhia, terei summo prazer em contar-vos no numero dos passageiros.

— Asseguro-vos que ficarei muito satisfeito em receber vossas ordens, respondi-lhe.

— Devemos tocar em Nangasaki e no Cantão, mas o *Pelicano* anda bem, e facilmente recuperaremos o tempo perdido.

— Capitão, contae comigo ; e cortei

a conversação, mais depressa talvez do que permittia a boa politica; tal era o desejo que tinha de abrir o bahú.

Com que tremôr metti a chave na fechadura! O coração saltava-me fóra do peito! Dei volta á chave, levantei a tampa, vi com inexplicavel emoção uma caixa atada com uma fita azul; desatei a fita, e na caixa encontrei a chavena descançando suavemente no seu leito de algodão; estava inteira, e as flores côr de rosa e azues, que a adornavam, pareciam olhar para mim com mysteriosa sympathia desde o fundo dos seus calices, e os chinêsitos e as chinasitas, que respiravam o perfume d'aquellas lindas flôres, pareciam interessarem-se por mim com benevolencia.

Peguei na chavena e beijei-a... Oh! miss Aurora, que loucuras me fazeis commetter!

A BORDO DO PELICANO

Ha sete dias que saimos de Pe-tang. Separei-me de Bernard com muito sentimento! tinhamos ambos os olhos arrasados de lagrimas quando dissemos: Até á vista!

Até á vista! Que pobres creaturas sômos! sempre desejâmos pronunciar esta phrase que encerra uma esperança; mas quantas vezes deviamos dizer — adeus!

O céu porém está admiravelmente limpo, o mar está tranquillo e brilhante como um espelho, e sopra uma brisa magnifica que nos leva á Europa; para traz as idéas tristes!

Na verdade o *Pelicano* é boa embarcação, e o capitão Herbin é amavel. Faz a barba todos os dias: come com gravata branca: nunca falla

do seu negocio, e, em todas as occasiões, manifesta sentimentos de sincera amisade para com a Inglaterra; é todo um *gentleman* que difere do capitão Lecoq quasi tanto como um homem póde diferir d'outro.

Hontem de manhã, ao romper d'alva, tinhamos á vista Nangasaki, o principal porto do Japão. Entrámos ali ao mesmo tempo que o general Montauban e a esquadra franceza.

Uma hora depois passeiava pela cidade.

Diz-se que os japonezes despresam soberanamente aos chinezes e têem rasão. A magnificencia das casas, a limpesa das ruas, a elegancia dos vestuarios, nos homens e nas mulheres, sobremodo me maravilharam. Estava muito contente em poder passeiar sem metter o pé no lôdo ou n'um montão de immundicies, e de poder respirar,

sem que me dessem nauseas, os cheiros inexplicaveis. [1]

As casas japonezas estão abertas a todas as vistas; parece que todos desejam viver ao ar livre, tanto quanto é possivel com o fim de facilitar a espiagem, que é a base do governo: estes honrados japonezes chegam a vestir-se no meio da rua, e as senhoras, bem como seus espôsos, não pensam em retirar-se para suas habitações e em fecharem as janellas para evitar as vistas dos curiosos.

Ao ver o risônho e feliz aspecto deste povo parece que o segredo da felici-

[1] É a falta de aceio no interior das habitações, nas ruas e em toda a parte, bem como os malditos pantanos, que concorrem para o desenvolvimento das graves febres originadas pelos innumeros miasmas, a que dá maior incremento a excessiva temperatura.

N. do T.

dade se baseia n'esta maxima: Espiêmo-nos mutuamente.

Por espaço de dez horas não deixei de andar á aventura por esta encantadôra cidade, extasiando diante dos estabelecimentos de laca, de porcelanas, de cristal, de tecidos europeus, de relogios, telescopios e microscopios, estampas illuminadas, livros e publicações illustradas! diante de meninos e meninas, que aprendiam fallando alto suas licções (no Japão vão á escola até os meninos mais pobres, e ensinam-lhes leitura, escripta e historia;) diante de arrogantes ginêtes que faziam caminhar duas cavalgaduras com maravilhosa destreza, e diante de immensos typos extravagantes, que, a cada passo, se achavam ao pé de minha humilde pessôa.

As mulheres passeiam livremente pelas ruas; as casadas pintam as sobran-

celhas e tingem de preto os dentes. [1] Será para agradar a seus maridos, ou para desagradar aos amantes? Grave questão é esta!!

Querida Aurora, quando fores lady Broomley, estae segura que não exigirei que pinteis de negro vossos lindos dentes, que tanto fazem sobresahir a rosada côr de vossos labios, nem que arranqueis essas formosas e louras sobrancelhas de tão linda curvatura, que tanta meiguice dão aos vossos olhos azueis, quando não estaes colerica.

[1] Na Africa e na India os negros e mulatos pintam até a cara de branco e vermelho!!... Parecem-nos uns mascarados.

As celebres bailadeiras pertencem a este numero, e não podem sahir sem pintarem o rosto de preto e de branco. Até algumas, em logar de terem os dentes negros, os têm vermelhos, mascando o betel, a noz de areca e a cal de marisco!!... *N. do T.*

*

Não tive a fortuna de assistir a um duello.

Dizem respeitaveis auctores que, á hora convencionada, os dois adversarios se colocam frente a frente armados com grandes facas, e que, a um signal das testemunhas, abrem um ao outro o ventre.

Na verdade que tudo isto merecia a pena de ver-se.

Mas na actualidade, segundo dizem, não se passam assim as coisas; o offensor e o offendido limitam-se a fingir que abrem o ventre, [1] e a testemunha encarrega-se de occultar a faca no

[1] Melhor era que na Europa, onde o duello ás vezes apparece, tivessem logar os costumes chinezes. Parece incrivel que, n'esta epoca de tanta civilisação, ainda queirâmos mostrar a todo o mundo que não desculpâmos certas injurias, que decerto não vingâmos com a morte de nosso proximo, practicando apenas um acto que suppômos de verdadeira loucura ou de excessiva perversidade. *N. do T.*

corpo do seu apadrinhado. Isto é muito mais divertido, e muita pena tive que a casualidade me não proporcionasse occasião de vêr dois japonezes ventilarem um ponto de honra.

Mas não é triste considerar que vão desapparecendo de todas as nações do globo os costumes verdadeiramente curiosos?

Em troca presenciei uma scena mui divertida. N'um armazem de brinquedos para creanças fazia grande provisão para os jovens gentlemen e para as jovens misses, que conheço, de animaes preparados, de bonecos que moviam os olhos e deitavam a lingua de fóra, de comicas mascaras e de outras exquisitices delicadamente acabadas, quando a mamã com um menino de tres annos entraram no armazem. Uma tartaruga, que movia o pescoço e as patas completamente ao natural, agra-

dou ao menino. A mãe perguntou o preço d'aquella maravilha, mas, sendo muito cara, não a comprou.

Então verdadeiro acesso de furor invadiu o traquina, que gritou, bateu com os pés e deu pancadas na mãe. Esta, com grave expressão e rosto compungido, dirigiu á creança uma exhortação, que era, sem duvida, um bocado de moral. O menino não se calava, e ella com a mesma seriedade e socêgo de espirito continuou seu discurso. Quando o pequeno diabo ficou rouco, a mãe calou-se.

Conheço poucas mamãs inglezas que, em iguaes circunstancias, não tivessem applicado uma boa correcção manual aos seus filhos.

No Japão nunca se bate nas creanças; [1] ralha-se com ellas mas nem por tal motivo são mais prudentes.

[1] É admiravel o systema de educação segui-

Dormi n'uma cama muito aceiada.

Quando sentado á banca escrevia hontem meu diario, um barulho no andar fez-me voltar a cabeça; um homem estava em pé dentro da minha habitação.

Levantei-me quando o vi, e fui rapidamente ter com elle, que sorriu para mim muito agradavelmente.

do n'aquelle paiz. Por esta fórma de futuro hão de haver cidadãos uteis á sua patria nas epocas calamitosas, e bôas donas de casa!!... A economia domestica hade dest'arte ser ali bem considerada. Só com o bom exemplo e respeito filial é que entendêmos que as sociedades, bem organisadas como as nossas, podem dirigir-se. Cautella, portanto, paes de familia, com a educação chineza, como a descreve A. Kaempfen. Pelo que vimos na Africa e India crêmos n'aquelle máu systema de educação. As tenras plantas, para se não perderem, necèssitam de esmerado cuidado. *N. do T.*

Era o creado da casa que me espiava.[1]

Fez um gesto expressivo e retirou-se sorrindo.

Quando rompeu o dia já estavamos muito ao mar.

CANTÃO

Deviamos apenas passar vinte e quatro horas no Cantão; logo que desembarquei, fui á casa, que habitava o velho Chung-tso, amigo do senhor Thomaz Harisson, áquella casa onde morava pela primeira vez, que lá estive. Já ali não vivia, e um visinho, que

[1] A curiosidade é mania dominante entre os povos orientaes. É o que ali muitas vezes presenciamos. Sem conhecimento do individuo, principalmente europeu, começam logo fazendo-lhe trinta mil perguntas, que, pela sua futilidade, chegam a enfastiar. *N. do T.*

fallava alguma coisa inglez, disse-me que se retirára para uma quinta, que tinha distante da cidade seis milhas.

Immediatamente ordenei aos conductores do palanquim que me levassem ali.

Chung-tso estava no jardim cuidando da plantação de tulipas.

Quando me viu, correu para mim e abraçou-me cordealmente.

—Sejaes bem vindo, e bemdito seja o céu que vos traz aqui. Sois muito amavel porque não esquecestes a um nojento velho, que não sabe mais do que dizer parvoices.

—E vós já gostaes do campo no mez de janeiro? disse-lhe.

—Assim é preciso, respondeu-me, pois que os senhores piratas quizeram que eu não vivesse na cidade este inverno.

—Pois tambem aquelles senhores tiveram que fazer comvosco?

— Sim! oito dias depois da vossa partida, quando vim aqui passar o verão, roubaram-me.

— Como! os piratas chegam até a serem ladrões da terra firme?

— Oh! quando têem alguma occasião propicia, põem de parte o amor proprio. Sou philosopho, e consolar-me-hia facilmente da minha desgraça, se os bandidos, que me roubaram, não levassem o objecto, que mais apreciava n'este mundo, a minha querida reliquia, a chavena de chá de minha pobre Lei-li.

Quando ouvi estas palavras, um estremecimento percorreu todo o meu corpo.

— E não prenderam os ladrões? perguntei a Chung-tso com inquietação.

— Não, respondeu-me. Antes de nascer o sol, um pescador viu alguns homens de mau aspecto e gestos sus-

peitos entrar n'um barco amarrado na ribeira, que pega com o jardim da minha casa, e depositar n'elle uns volumes que pareciam pesar muito; feito isto soltaram o calabre e affastaram-se remando precipitadamente. Desgraçadamente o bom homem estava só: era algum cobarde e não se atreveu a chamar os visinhos, e contentou-se em contar o que aconteceu quando soube que me tinham roubado.

—E reconhecerieis a chavena de Lei-li? perguntei-lhe com grande perturbação.

—Se a reconheceria? Entre todas as chavenas do celeste imperio. Meu amigo, não a terei visto por espaço de vinte annos com os olhos do avarento, que contempla o seu thesouro? Não ha n'ella uma unica flôr, cuja fórma e minimos matizes eu não tenha gravados em minha memoria; não

tem um adôrno cujo debuxo não possa reproduzir minuciosamente, nem um só grão, por imperceptivel na porcellana, que escape á minha lembrança. Olhae, em cima da cabeça da joven que tem o leque, ha uma grêta mais fina do que um cabello...

— Uma greta sobre a cabeça da joven do leque abana? repeti immediatamente.

— Sim; pois bem! essa greta que sem duvida ninguem observou, vejo-a sempre que me lembra minha pobre chavena.

Para despedir-me de Chung-tso puxei repentinamente pelo relogio, e pretextei uma visita a que não podia faltar.

— Dentro de duas horas voltarei, disse ao velho.

Entrei no palanquim e ordenei aos conductores que me levassem ao porto apressadamente.

Pelo caminho repetia constantemente estas palavras.

—Uma grêta sobre a cabeça da jo ven, que tem o leque...

Quando cheguei ao caes, corri ao *Pelicano*, desci ao meu camarote e abri precipitamente o pequeno cofre, em que guardava a preciosa chavena, que tinha vindo ás minhas mãos por tão extraordinarias circunstancias, e em que só depositava todas as esperanças de felicidade.

Quando lhe peguei, tremia com tanta violencia que tive medo me cahisse: apenas respirava: densa nevoa me obscurecia a vista, e durante alguns minutos, por mais que fixei os olhos na joven do leque, só a distinguia confusamente: no fim dissipou-se pouco a pouco a nuvem, e vi com claresa a greta extraordinariamente fina e de duas ou tres linhas de largura, que

existia no esmalte até á fronte da joven.

Convulsamente metti a chavena no pequeno cofre, e, segurando-o com os tremulos dedos, sahi do navio: pareciame ter a cabeça ouca e que caminhava n'um mundo fantastico, que só vêmos em sonhos.

O palanquim esperava-me no caes, e n'elle entrei depois de participar aos homens, que me levassem a casa de Chungtso. Ser-me-hia impossivel dizer em que pensei durante o transito.

Quando cheguei a casa e chamei á porta, senti que se despedaçava o coração, começando a chorar como uma creança. E, depois de ter passado a carpideira é preciso saber ser homem, disse comigo, e dei duas pancadas na porta.

O menino Chung-tso abriu a porta.

— Sois homem de palavra!

— Vamos passar uma excellente noite.

Sorri, e apresentando o pequeno cofre ao velho:

—Abri-o e vêde.

Abriu, e deu um grito de espanto cobrindo de beijos a chavena.

—Quem pensaria nunca que isto fosse possivel? disse immediatamente e repetiu mais socegado fallando comsigo: Quem o teria pensado? Quem o teria pensado?

—É essa a chavena da vossa Leli-li? perguntei-lhe.

—Sim, esta chavena é da minha Lei-li. Não vedes a grêta? Aqui esta linha tão fina?

—Sim, vejo-a, respondi.

E na verdade tinha-a visto melhor do que queria.

—Mas explicae-me, disse-me Chung-tso, como obtivestes esta chavena?

Com a maior minuciosidade lhe referi como me tinham roubado os pi-

ratas, o que se passou a bordo do barco e as suas consequencias.

Tinha recobrado todo o meu sangue frio, mas fallava como quem tem febre.

Chung-tso ouvia-me com arrebatamento.

Quando conclui, bateu as palmas e exclamou:

— Louvado mil e mil vezes seja Deus, e bemdito sejaes vós, joven amigo, que me daes tão grande alegria; tende todas as prosperidades celestes; é o que vos desejo. E abraçou-me amigavelmente.

O bom velho não suspeitava o sacrificio, que me custava a sua alegria.

SAIGON

Na manhã seguinte sahi do Cantão. Chung-tso veio despedir-se ao caes;

com verdadeira dôr me viu partir, e nunca esquecerei as provas de estima, que me deu. Ao menos, pensava eu, deixo um homem feliz.

Desde o Cantão a Saigon fizemos a mais feliz e monotona das viagens. Ha dois dias que chegámos.

Casas muito commodas no meio de um bosque de figueiras, tecas, palmeiras e bananeiras; uma fortificação muito grande, quadrada, de pedra de cantaria e bella vista: isto é Saigon e sua fortaleza. O paiz é admiravel mas habitam-o a febre e os mosquitos; [1] dois hospedes terriveis.

Sinto-me mal; tenho a cabeça pesada, intenso calôr na pelle e de tempos

[1] É aquella localidade a segunda Sofala. São tambem as febres graves e a chuva de mosquitos o que tanto ali importuna os europeus. Temiveis paizes e maus companheiros !!..

N. do T.

a tempos, um frio glacial me percorre todo o corpo, fazendo bater os dentes.

A BORDO DA FANTASIA

Ha tres dias que despertei no camarote de um navio. Parecia-me sahir de um sonho, que demora um seculo.

Estava só. Um instante depois abriu-se a porta do camarote, entrou um homem e inclinou-se sobre a minha cama.

— Conheceis-me, sir Broomley? perguntou-me.

—Sim, sem duvida, sois Lecoq, o capitão da barca *Fantasia*.

— Bravo! estaes salvo disse o capitão alegremente, e d'isto me recordarei toda a vida.

Salvo! que succedeu:

— Succedeu que em Saigon vos ata-

cou uma maldita febre, acompanhada de delirio, e que declararam os medicos estares perdido se não vos tirassem promptamente d'ali. Uma ordem dada ao capitão do *Pelicano* o impedia de partir n'aquelle momento.

Tinha terminado os meus negocios em Saigon, e estava disposto a fazerme de vela para a Europa; perguntaram-me se queria levar a bordo um enfermo; duvidei um pouco, mas, como disseram o vosso nome, já comprehendereis que acabou a incerteza; seis horas depois sahimos do porto; ha tres semanas que navegâmos; durante desenove dias apenas tendes tirado os cobertôres da cama e dito uma serie de loucuras, que não tinham pés nem cabeça. Antes de hontem á noute dormistes socegadamente, e agora despertaes curado. Isto é o que sabe-

*

reis agora. Bebei este copo de agoa de flores de larangeira, tornae a dormir e sonháe bem. Depois vos direi mais alguma cousa.

— Bravo, capitão Lecoq! Talvez me não fizeseis grande favor salvando-me a vida; mas a vossa intenção foi boa.

PARIS

Depois de quatro mezes de viagem desembarcamos hontem em Marselha.

Quando me separei do capitão Lecoq disse-lhe: Até outra vez. Dentro de dous mezes partirá para o Brasil, e, como não posso casar com miss Aurora, provavelmente irei com elle.

LONDRES

Hontem de tarde o meu creado Roberto entregou-me as cartas, que havia

para mim. A primeira que abri, dizia assim:

«Charo Edmundo:

«Sou muito feliz; acabâmos de entrar em Singapoore, onde estarei um mez. Vi o sr. Harisson; vejo-o todos os dias e á minha querida Mary. Disse-me elle esta manhã que liquidava os seus negocios, e que, no proximo anno, voltará á Inglaterra. Quero morrer aonde nasci. Vireis visitar-nos, é verdade meu filho? Estou certo que Mary vos agradecerá. Mary fez-se vermelha quando ouvio isto: Sim, minha menina, podeis casar; tendes rasão para dares esse melindroso passo. Em seguida apertando-me a mão disse: Oh! malvado joven que fazeis corar meninas? Não tive forças para responder cousa alguma, mas o sr. Harisson vio claramente que me brotavam as lagri-

mas e pareceu ficar contente. Sou feliz, muito feliz. Quanto gostarei de vos ver em Londres e de conhecer miss Aurora ou a sr.ª de Broomley.

Vosso amigo
Bernard.»

Sr.ª de Broomley! se podesse ser; mas não creio.

. . . .

Encontrei esta manhã sobre a mesa uma caixa, que hontem aqui não estava. Sobre a caixa vi uma carta fechada. A carta continha estas linhas:

«Poucos dias depois da vossa partida acommetteu-me uma enfermidade, que não perdôa a pessoa alguma. Em quanto ainda tenho forças para traçar algumas linhas, quero dizervos, charo amigo, que pensarei em vós até dar

o ultimo suspiro. Quando receberes esta carta, já não existirei. Ao mesmo tempo chegar-vos-ha ás mãos um objecto, que me foi muito charo e a que, desejo, tenhaes algum afecto como lembrança do

Vosso amigo
Chung-tso.»

Abri a caixa e n'ella encontrei a chavena de chá de Lei-li.

FIM DO DIARIO DE SIR EDMUNDO

N'aquella noute, como ha deseseis mezes, o sr. Simson dormia com o *Times* na mão, e mistress Simson com a meia.

Abriu-se a porta, e a sonora voz de um lacaio annunciou:

— Sir Edmundo Broomley!

O Sr. e a sr.ª Simson estremece-

ram, e exclamaram ao mesmo tempo.

—Sir Edmundo Broomley! É possivel?

Sir Edmundo entrou, trazendo na mão a chavena de chá.

—Não tivemos noticias vossas; sómente uma vez pelo meu amigo Harisson, a quem dizia que talvez fosseis a Singapoore, e cujo convite para jantar tanto vos surprehendeu. Tendes sido muito ingrato para comnosco sir Edmundo!

N'aquelle momento entrou no salão miss Aurora com uma bandeja cheia de chavenas da China.

Quando vio sir Edmundo empalideceu, cahiu-lhe a bandeja e quebraram-se as chavenas. Havia cinco: era o elegante serviço que sir Edmundo tão desventuradamente deixou incompleto.

—Devo voltar á China para buscar

cinco chavenas como esta? perguntou sir Edmundo.

— Oh! não, se me amaes, respondeu a joven com expressão sobresaltada, tão terna e supplicante, que teria dado qualquer a volta ao mundo para ouvir uma phrase pronunciada de tal arte.

FIM

ERRATAS IMPORTANTES

Na pag. 32, lin. 14, onde se lê; *Tin-Hué* — leia-se: *Tien Hué.*

Na pag. 43, lin. 18, onde se lê: *Rule Britannia* — leia-se: *Salvé Britannia.*

Na pag. 48, lin. 11, onde se lê: *Hilaridade* leia-se: *alegria.*

Na pag. 49, nota, onde se lê: *mebarcação* — leia-se *embarcação.*

Na pag. 61, lin. 22, onde se lê: *ante* — leia-se *antes.*

Na pag. 84, lin. 18, onde se lê; *astelhas* — leia-se: *as telhas,* e na lin. 19 em logar de *dornam,* leia-se: *adornam.*

Na pag. 107, lin. 16, onde se lê: *batia as mãos* — leia-se: *batia as palmas.*

Na pag. 113, lin. 11, onde se lê: *remeiros* — leia-se: *remadores.*

O leitôr desculpará algumas outras, que escapassem á revisão apressada, que teve de fazer o traductôr.